

1 2 9 0



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NA ESCOLA E. B. 2, 3 / S. DR.
DANIEL DE MATOS EM VILA NOVA DE
POIARES NO ANO LETIVO 2021/2022**

MOTIVAÇÕES DOS ALUNOS DO 2º CICLO, 3º CICLO E
ENSINO SECUNDÁRIO PARA A AS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA. UMA ABORDAGEM A PARTIR DA TEORIA DA
AUTODETERMINAÇÃO.

VOLUME 1

**Relatório de Estágio Pedagógico em Ensino de Educação Física nos Ensinos
Básico e Secundário, orientado pelo Professor Doutor Bruno Avelar Rosa e
apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da
Universidade de Coimbra**

Maio de 2022

Professor Estagiário: Diogo Alexandre Nunes Martins nº 2020183005

Martins, D. A. N (2022), *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica e Secundária Dr. Daniel de Matos, Vila Nova de Poiares, junto da turma 9ªA no ano letivo de 2021/2022* (Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra)

Compromisso de Originalidade do Documento

Diogo Alexandre Nunes Martins, aluno no 2020183005, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no nº1 do artigo nº 125º do Regulamento Académico da UC (Regulamento nº 805-A/2020, de 24 de setembro).

Maio de 2022

Diogo Alexandre Nunes Martins.

Agradecimentos

Ninguém caminha na vida sozinho, e ao meu lado tenho pessoas muito importantes, que me apoiam e incentivam a nunca desistir. Na execução desta dissertação são alguns a quem devo o meu sincero obrigado.

Ao professor Marco Rodrigues, professor da Escola Básica e Secundária Dr. Daniel de Matos de Vila Nova de Poiares, pelo seu apoio e orientação dada no decorrer dos meses que estive nesta instituição, por me ter acolhido tão bem, serei eternamente grato.

Ao professor Doutor Bruno Rosa professor e orientador da Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade de Coimbra, pelas suas críticas construtivas e pelo seu total empenho e apoio na realização desta dissertação.

Ao meu pequeno grupo de amigos de infância, pela partilha e suporte dado ao longo desta dissertação como também ao longo da minha vida.

À minha querida Inês, pela paciência, companheirismo e constante parecer, que mesmo estando longe esteve presente nesta fase.

Aos meus pais por me terem dado a oportunidade de estudar e pelo total auxílio nos inúmeros obstáculos que ultrapassei ao longo da minha vida, que sem estes não teria superado.

À minha irmã Carolina, pelo apoio absoluto, amizade, lealdade e entreaajuda que existe entre ambos.

E por fim a ti Coimbra, por me teres dado uma das melhores fases de aprendizagem e evolução pessoal.

Um bem-haja a todos, por tudo o que fizeram por mim!

Resumo

O presente relatório foi elaborado no âmbito do estágio curricular realizado na Escola Básica e Secundária Dr. Daniel de Matos, em Vila Nova de Poiares, tendo em vista a conclusão do Mestrado em Ensino de Educação Física, obtendo o grau de Mestre de Ensino de Educação Física dos Ensinos Básicos e Secundário, pela Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O relatório está dividido em três capítulos principais. O primeiro capítulo relaciona-se com um enquadramento pessoal, contextualização do meio escolar e da prática, com foco também nas expectativas e motivações iniciais. O segundo capítulo apresenta uma análise e reflexão crítica do trabalho realizado ao longo do ano, dando especial atenção ao planeamento, realização e avaliação. O terceiro e último capítulo aprofunda o tema-problema estudado ao longo do estágio pedagógico.

Sabe-se à partida que a motivação varia de indivíduo para indivíduo, dependendo das suas experiências relacionadas à prática e dia-a-dia. A motivação move os alunos a participarem, ou não, ativamente nas aulas de educação física. Desta forma, o objetivo deste trabalho (componente do tema-problema) é perceber a influência que a ser federado tem na motivação para as aulas de educação física.

Para estudar os níveis de motivação dos alunos, foi aplicado o teste "perceived locus of causality questionnaire" (PLOCQ) aos alunos de todas as turmas da escola onde foi realizado o estágio pedagógico.

Os resultados evidenciaram que os alunos federados tendem a apresentar níveis ligeiramente mais altos de motivação comparativamente aos alunos não federados.

Palavras-chave: Motivação, aprendizagem, educação física, participação

Abstract

This report was written within the curricular internship performed at Escola Básica e Secundária Dr. Daniel de Matos, in Vila Nova de Poiares, with a view of finishing the Master's Degree in Mestrado em Ensino de Educação Física, obtaining the degree of Mestre de Ensino de Educação Física dos Ensinos Básicos e Secundário, from Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

The report is divided into three main chapters. The first chapter is related to a personal framework, contextualization of the school environment and practice, also focusing on initial expectations and motivations. The second chapter presents an analysis and critical reflection of the work carried out throughout the year, giving special attention to planning, implementation, and evaluation. The third and final chapter deepens the problem studied during the internship.

It is known from the outset that motivation varies from individual to individual, depending on their experiences related to practice and day-to-day. Motivation moves students to participate, or not, actively in physical education classes. In this way, the objective of this work is to understand the influence that being federated has on students' motivation for physical education classes.

To study the motivation of students, the "perceived locus of causality questionnaire" (PLOCQ) was applied to all classes of students of the school where the internship had place.

The results showed that federated students tend to have slightly higher levels of motivation compared to non-federated students.

Keywords: Motivation, learning, physical education, participation

Índice

Introdução	11
1. Contextualização da prática desenvolvida	12
1.1. Projeto Formativo	12
1.2. Expectativas Iniciais	13
1.2.1. Motivações	15
1.3. Caracterização da Escola	16
1.4. Caracterização do Grupo de EF	16
1.5. Caracterização do núcleo do Núcleo de Estágio	17
1.6. Diagnóstico da Turma	17
2. Análise reflexiva sobre a prática pedagógica	19
2.1. Dimensão 1 – Atividades de Ensino de Aprendizagem Planeamento	19
2.1.1. Planeamento	19
2.1.1.1. Plano anual	19
2.1.1.2. Unidades Didáticas	21
2.1.1.3. Planos de Aula	22
2.1.2. Realização	24
2.1.2.1. Instrução	25
2.1.2.2. Gestão	27
2.1.2.3. Clima e Disciplina	27
2.1.2.4. Reajustamentos, estratégias e opções	28
2.1.3. Avaliação	30
2.1.3.1. Avaliação Formativa inicial	30
2.1.3.2. Avaliação Formativa Processual	32
2.1.3.3. Avaliação Sumativa	33
2.2. Dimensão 2 – Atividades de Organização e Gestão Escolar	34

2.3.	Dimensão 3 – Atividades de Projetos e Parcerias Educativas	35
2.4.	Dimensão 4 – Atitude Ético-Profissional	38
	Tema/problema	40
	Resumo	41
	Abstract	42
1.	Introdução	43
2.	Fundamentação Teórica	43
4.	Resultados	49
	Motivação intrínseca	49
	Regulação Introjetada	51
	Regulação Externa	51
	Amotivação	52
5.	Discussão	54
6.	Conclusão	56
	Limitações do estudo	57
	Conclusão	58
	Referencias Bibliográficas	59
	Anexos	63
	Anexo 1 – Plano anual	63
	Anexo 2 – Plano de aula	68
	Anexo 3 – Avaliação Formativa inicial	69
	Anexo 4 – Avaliação Formativa processual	71
	Anexo 5 – Avaliação Sumativa	72
	Anexo 6 – Grelha de autoavaliação	73
	Anexo 7 – Questionário preenchido pelos alunos	74
	Anexo 10 – Estatística Descritiva Regulação Introjetada	77

Anexo 11 – Estatística Descritiva Regulação Externa	78
Anexo 12 – Estatística Descritiva Amotivação	79
Apêndice	80
Apêndice 1 – Certificado Comitê Olímpico	80
Apêndice 2 – Certificado de Participação	81

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1 - Percentagem de alunos federados e não federados	49
Tabela 1 - Projeto Formativo	13
Tabela 2 - Expectativas iniciais e motivação	15
Tabela 3 - Dificuldades, estratégias e resultados do planeamento	24
Tabela 4 - Dificuldades, estratégias e resultados da realização	29
Tabela 5 - Dificuldades, estratégias e resultado da avaliação	33
Tabela 6 - Dificuldades, estratégias e resultado da organização e gestão escolar	35
Tabela 7 - Dificuldades, estratégias e resultados dos projetos e parcerias escolar	37
Tabela 8 - Dificuldades, estratégias e resultados Ética e profissionalismo	39
Tabela 9 - Objetivos, hipóteses e variáveis	47
Gráfico 1 - Motivação Intrínseca	50
Gráfico 2 - Regulação Identificada	50
Gráfico 3 - Regulação Introjogada	51
Gráfico 4 - Regulação Externa	52
Gráfico 5 - Amotivação	53

Introdução

O presente Relatório de Estágio está inserido na unidade curricular do quarto semestre do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, da Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade de Coimbra. Desta Unidade curricular resulta o que é o Relatório de Estágio Curricular.

O Relatório de Estágio Curricular, componente obrigatória do Estágio Pedagógico, tem como objetivo relatar e refletir acerca da minha performance, como professor estagiário, ao longo do corrente ano letivo. Este documento foi construído com base nas diretrizes facultadas pela coordenação do mestrado, através do Guia de Estágio.

O presente relatório apresenta diversos pontos de alta relevância e que necessitam de ser mencionados e discutidos.

Primeiramente, será realizada uma contextualização da prática desenvolvida, onde abordarei subpontos como o projeto formativo, as minhas expectativas iniciais e resultado das mesmas ao longo do Estágio Pedagógico, bem como as motivações que me levaram a optar por este mestrado e consequentemente por este estágio. Neste primeiro capítulo será também feita uma caracterização da escola e da turma onde fui inserido, de forma a promover contexto ao leitor.

De seguida, será apresentada uma análise acerca da prática desenvolvida, que contará também com uma reflexão dos aspetos críticos e positivos da minha intervenção enquanto professor estagiário. Nesta componente serão abordadas as dimensões do estágio: Atividades de Ensino de Aprendizagem; Atividades de Organização e Gestão Escolar; Atividades de Projetos e Parcerias Educativas; Atitude Ético-Profissional. Deste capítulo resultará uma análise global do período de estágio.

O terceiro tópico deste relatório de estágio relaciona-se com a apresentação do Tema/Problema, onde se pretende estudar a influência de ser aluno federado ou não federado na motivação para as aulas de educação física. Este tópico conta com uma amostra recolhida na escola onde foi realizado o Estágio Pedagógico.

Por fim, mas não menos importante, será apresentada uma conclusão, que tem como objetivo a sumarização de todo este relatório.

1. Contextualização da prática desenvolvida

1.1. Projeto Formativo

Há 25 anos, os meus pais deram-me o nome de Diogo Alexandre Nunes Martins. Cresci na Vila de Marrazes (Leiria).

O desporto foi sempre a minha área de interesse e por isso, finalizei o 12º ano na área de Desporto, no Curso de Apoio à Gestão Desportiva. No ano seguinte saí de casa dos meus pais e fui para Lisboa, onde se realizou a minha primeira aventura. Frequentei um Curso Profissional na Escola de CEFAD que terminei em 2016, creditado com a Cédula Profissional Técnico Especialista em Exercício Físico. A experiência que adquiri motivou-me a progredir na área do Exercício Físico e a procurar algo mais. Assim, candidatei-me e entrei na Escola Superior de Desporto de Rio Maior em setembro de 2016, onde procurei aprender e desenvolver-me enquanto profissional de desporto.

O último ano da licenciatura foi a minha grande aventura. Fui fazer o Projeto Erasmus, na Polónia, durante um ano. Foi uma experiência enorme em termos pessoais e também em termos educativos onde aprendi e cresci muito. Licenciiei-me em Desporto, Condição Física e Saúde em Junho de 2020.

Durante a licenciatura na ESDRM sempre me senti em casa e consolidei a vontade de continuar com o desporto na minha vida. Desta forma, e com cada vez mais certezas do que queria fazer, decidi envergar pelo Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário na Universidade de Coimbra. Desde sempre que gosto de ter contacto com crianças e todas as vertentes e desafios inerentes à lidaçãõ com as mesmas. Desta forma, este mestrado foi a opção ideal para continuar o meu percurso de aprendizagem. Poder ensinar o que tanto me apaixona é a minha maior motivação para terminar este mestrado com sucesso, pois sei que é aqui que vou obter todas as bases que necessito para iniciar o meu tão desejado percurso como professor de Educação Física.

Tabela 1 - Projeto Formativo

Projeto Formativo	Resultado
12º ano na área de Desporto, no Curso de Apoio à Gestão Desportiva	Curso profissional que me deu bases para continuar o percurso na área do desporto
Curso Profissional na Escola de CEFAD	Aquisição da Cédula Profissional Técnico Especialista em Exercício Físico
Projeto Erasmus, na Polónia	Experiência pessoal e educativa onde aprendi bastante
Licenciatura em Desporto, Condição Física e Saúde	Reforço à paixão pelo desporto
Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário na Universidade de Coimbra	Ganhar certeza que é professor de Educação Física que pretendo ser

1.2. Expectativas Iniciais

Durante o percurso de estágio esperamos desenvolver as capacidades e competências na combinação dos domínios de saber, saber fazer e saber ser; desenvolver uma aprendizagem holística e desenvolver capacidade de adaptação às diferentes situações e exigências da profissão, ambicionando, a todo o instante, a excelência profissional.

Este estágio pedagógico será o meu primeiro contacto real com o que é o ensino e certamente muitas dificuldades irão aparecer. Ainda assim, o grande desafio será ultrapassá-las e para isso conto com a ajuda dos meus colegas de estágio e do meu orientador de estágio. O Decreto-Lei n.º 240/2001 que “aprova o perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores do ensino básico e secundário” estabelece 5 dimensões nas quais o professor deve agir. Delas destacam-se as dimensões mencionadas abaixo.

A dimensão profissional e de ética assenta nas atitudes que o professor demonstra e em que se espera que o professor “promove aprendizagens curriculares, fundamentando a sua prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das ações concretas da mesma prática, social e eticamente situada.” Na dimensão profissional, tenciono aplicar os conhecimentos teórico-práticos adquiridos ao longo da minha formação académica. Pretendo desenvolver conhecimentos, métodos e práticas que me permitam aprimorar o meu currículo, que me

preparem para as adversidades e situações da vida profissional. No âmbito profissional, considero de extrema importância a utilização de estratégias de inovação no trabalho, demonstrando equilíbrio emocional e capacidade de relação e comunicação com o outro.

Essas ferramentas permitirão estimular a autonomia dos alunos para que ganhem estratégias para a integração na sociedade, tendo sempre em conta a especificidade de cada um.

“O professor exerce a sua atividade profissional, de uma forma integrada, no âmbito das diferentes dimensões da escola como instituição educativa e no contexto da comunidade em que se insere” refere-se à participação na escola. Do grupo de educação física e restante comunidade escolar, espero que me recebam de forma aberta, ouvindo e conversando sobre as minhas ideias/opiniões e encarando as minhas inseguranças e dúvidas relativas à minha inexperiência como professor estagiário. Neste sentido, é fulcral para mim encontrar o equilíbrio e absorver todo o conhecimento e experiência que os mais experientes têm para me transmitir, porque dessa partilha ambas as partes irão lucrar certamente.

No desenvolvimento e formação profissional considero de extrema importância realizar reflexões diárias acerca do processo de ensino/aprendizagem, no decorrer do estágio. A identificação das situações de menor consistência nas intervenções, em conjunto com conhecimentos adquiridos em anos transatos, investigação e partilha de conhecimentos com os colegas estagiários e com o professor orientador, auxiliará a criar estratégias que promovam a superação. Este conjunto de estratégias promoverão o enriquecimento da minha formação e da atividade profissional, desenvolvendo competências pessoais e profissionais.

O desenrolar do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem prende-se essencialmente à relação com os alunos, onde pretendo desenvolver um trabalho de cooperação com a busca do objetivo comum: o de aprender. Como dizia Rogers, 1977 “Não podemos ensinar a outra pessoa diretamente; só podemos facilitar sua aprendizagem”. Esta cooperação, no entanto, deve ser denotada pelo respeito, justiça e equidade, através de uma gestão da distância/aproximação. Devo optar por uma proximidade que abra caminho à empatia, entusiasmo e a um clima de aprendizagem positivo, mas que nunca ponha em causa o respeito pelo outro.

1.2.1. Motivações

A motivação é um aspeto pessoal que varia de pessoa para pessoa, consoante os seus objetivos finais. Desde que me conheço como pessoa, sei que quero ser professor de educação física. Até finalizar este percurso, desviei-me um pouco do caminho que seria chamado de “caminho ideal”, por entraves impostas pela vida e pelas circunstâncias, no entanto, o facto de ter conseguido atingir este objetivo só prova que a motivação para ser professor sempre esteve lá. Desde que me lembro que o desporto sempre esteve presente na minha vida. Toda a vida joguei futebol e tive muito à vontade para praticar todo o tipo de desporto. Além disso, sempre me dei bem com crianças e sempre gostei de incentivar as pessoas para a prática do desporto. É um facto que as ideias mudam à medida que vamos crescendo, mas esta está comigo desde cedo. Ser professor de educação física permite-me combinar tudo o que gosto: o desporto, trabalhar com crianças e transmitir os meus conhecimentos. Uma parte da motivação para ser professor de educação física, é representar para os meus alunos o mesmo que os meus professores de educação física representaram para mim: um exemplo a seguir e uma figura importante no meu desenvolvimento pessoal.

Tabela 2 - Expectativas iniciais e motivação

Expectativas Iniciais	Motivação
Aplicar os conhecimentos teórico-práticos adquiridos ao longo da minha formação académica.	Deter o máximo de conhecimento possível para representar uma figura impactante para os meus alunos.
Desenvolver conhecimentos, métodos e práticas	Ser cada vez melhor a nível profissional e pessoal.
Interagir com o grupo de Educação Física e restante comunidade escolar, de forma aberta, num espaço comunicativo neutro	Trocar conhecimentos, aprender com os outros e ultrapassar dificuldades.
Desenvolver capacidade de identificar, analisar e resolver contratempos que possam aparecer ao longo do ano letivo	Poder descomplicar o trabalho, para que seja prazeroso e fluído
Desenvolver um trabalho de cooperação com os alunos com a busca do objetivo comum: o de aprender	Representar para os alunos o que os meus professores representaram para mim: um exemplo a seguir

1.3. Caracterização da Escola

A Escola Básica 2/3 e Secundário, Dr Daniel de Matos, em Vila Nova de Poiares, inaugurada a 1984 foi primeiramente nomeada de Escola Preparatória de Vila Nova de Poiares. Apenas anos mais tarde, em 1998, foi renomeada para o nome atual. Atualmente é a sede do Agrupamento Vertical de Escolas do Concelho de Vila Nova de Poiares.

A escola é constituída por quatro blocos e um polivalente. Conta com laboratórios de Biologia, Física e Química, salas de Informática, Cozinha e Restaurante que permite o funcionamento dos cursos de Hotelaria, Biblioteca, Sala de Estudo, Sala de Professores, Serviços de Psicologia e Orientação, Gabinete de Atendimento ao Aluno, Centro de Ocupação Juvenil, Secretaria, etc.

Relativamente ao ensino da Educação Física, a escola conta com um vasto espaço exterior a que pertence um Campo de Futebol/Andebol com duas balizas; Três campos de basquetebol (6 tabelas); Balneário Masculino; Balneário Feminino; Pista de Atletismo e Caixa de Saltos. A escola não detém pavilhão gimnodesportivo, pelo que as aulas em espaço interior decorrem no Pavilhão a apenas 300m de distância. Este pavilhão conta com duas tabelas de basquetebol; duas balizas, Balneário Masculino e Feminino, bem como casas de banho. A escola conta ainda com um campo sintético utilizado para as modalidades de Futebol/Andebol, com duas balizas.

1.4. Caracterização do Grupo de EF

O grupo de Educação Física desta escola está inserido no Núcleo de Expressões. O Núcleo de Expressões representa um núcleo diferente dos restantes núcleos de ensino, uma vez que este trabalha com o movimento do corpo.

Do grupo de Educação Física, fazem parte cinco professores, quatro do sexo masculino e uma do sexo feminino. Dois destes lecionam 2º ciclo e três lecionam o ensino básico e secundário. Ao longo do ano de estágio os professores foram todos bastante acessíveis e prontamente se mostraram disponíveis para nos ajudar em tudo o que fosse necessário. Os professores receberam-nos como se já fizessemos parte integrante do grupo há algum tempo. Esta disponibilidade demonstrada permitiu-nos crescer enquanto profissionais e aprender com pessoas dotadas de conhecimento.

Muito embora o apoio do grupo de EF tenha sido fundamental ao longo do ano letivo, consideramos muito importante criar um lugar de destaque ao professor Marco, professor orientador do núcleo de estágio deste ano. Prezando a qualidade e exigência, não deixou de ser uma figura altamente motivante desde o início do estágio pedagógico, criando uma relação próxima com os professores estagiários, procurando ensinar-nos constantemente e tornar-nos melhores profissionais. Todas as reuniões semanais, conversas, feedbacks e críticas construtivas representam uma enorme parte do nosso processo de aprendizagem ao longo deste ano e foram elas que tornaram possíveis observar a diferença entre o professor que começou o estágio em setembro e o professor que acaba o estágio em junho.

1.5. Caracterização do núcleo do Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio conta com três professores estagiários, todos do sexo masculino. Dois dos professores estagiários já se conheciam desde o 1º ano de mestrado MEEFEBS.

Desde o início do estágio que os professores estagiários criaram uma ligação de amizade e cooperação, tanto a nível profissional como a nível pessoal. Quando foi necessária a cooperação para realização de projetos ou trabalhos, todos os membros se mostraram disponíveis, trocando ideias e dando feedback e críticas construtivas de modo a ajudar os restantes membros a crescer como profissionais.

1.6. Diagnóstico da Turma

A turma A do 9º ano da Escola Básica 2,3/Secundária Dr. Daniel de Matos é composta por 24 alunos, 11 rapazes e 13 raparigas, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos. A turma é bastante heterogénea relativamente a resultados e participação nas aulas. Há cinco alunos propostos a quadro de mérito por apresentarem comportamentos e notas exemplares. Por outro lado, há três alunos com medidas de Suporte à Aprendizagem e Inclusão, por apresentarem diagnósticos como Perturbação da Leitura e Escrita e Perturbação do Desenvolvimento Intelectual.

A turma na sua generalidade apresenta resultados aceitáveis, apesar de os alunos se mostrarem distraídos e faladores em algumas situações. A nível comportamental há apenas um aluno que necessitou de medidas corretivas no ano anterior.

Relativamente à prática de desporto, os alunos mostram empenho e gosto na realização das aulas e delas esperam que sejam dinâmicas e interessantes, pois é uma disciplina que foge à regra das restantes no currículo de ensino.

2. Análise reflexiva sobre a prática pedagógica

As guias orientadoras do estágio pedagógico sugerem que o ensino pressupõe um conjunto de estratégias de intervenção composta por objetivos e que nele incluam todos os conhecimentos do ensino da Educação Física. Para que este ensino seja eficaz em termos pedagógicos, deve conter como base quatro aspectos importantes, o planejamento, realização e avaliação do ensino e as atitudes ético-profissionais. O presente capítulo pretende apresentar uma análise reflexiva sustentada, acerca dos aspectos críticos da intervenção, sustentadas cientificamente.

A autorreflexão e análise representa uma necessidade para que o professor possa progredir na sua autonomia, bem como na consciencialização de novas visões, pontos de vista, ideias e opiniões relativamente ao processo de ensino e aprendizagem. (Neto & Peixoto, 2018)

2.1. Dimensão 1 – Atividades de Ensino de Aprendizagem Planejamento

2.1.1. Planejamento

“O planejamento é o momento indicado para analisar as situações e escolher consciente e deliberadamente a forma de agir sobre elas, fundamentando as escolhas que se fazem e identificando as suas possíveis consequências.” (Leite, 2010). O planejamento é o primeiro passo do processo de ensino-aprendizagem. É neste que o professor inicia a tomada de decisão que irá determinar a qualidade de todo o processo, seja a curto ou a longo prazo. Este é um processo contínuo e extenso que será utilizado frequentemente ao longo do ano letivo. O planejamento a longo prazo, no entanto, serve apenas como ponto de partida e base geral, uma vez que o processo ensino-aprendizagem é um processo dinâmico e pode ser sujeito a alterações ao longo do ano letivo.

2.1.1.1. Plano anual

O plano anual caracteriza-se por um documento que representa o planejamento das aulas de Educação Física para todo o ano letivo. Neste documento está presente uma sequência lógica e organizada de conteúdos realizada com base nos conteúdos obrigatórios indicados nas Aprendizagens Essenciais (AE) relativas à educação Física.

As aprendizagens essenciais pretendem ajudar o professor a realizar um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, tendo em conta os recursos que tem à sua disposição.

Com o objetivo de criar um plano anual adaptado à turma e às suas condições, vários aspetos foram tidos em consideração.

Inicialmente olhámos para o roulement pois é através dele que sabemos qual o espaço que foi destinado à turma para determinada data. Posto isto, após sabermos os dias em que estamos em cada espaço, é importante escolher qual a modalidade mais adequada para ensinar em cada espaço destinado.

No caso da turma em questão, e tendo em conta as condições e infraestruturas da escola, soubemos desde início que não poderíamos lecionar basquetebol no primeiro ou segundo período, uma vez que as tabelas de basquetebol do campo exterior se encontravam em reparação. Além disso, e seguindo o conselho do professor orientador optámos por lecionar as danças tradicionais também no terceiro período, uma vez que no início do ano os professores estagiários tinham preparação e à-vontade suficiente para lecionar esta matéria.

Outro ponto fulcral deste planeamento e que envolveu decisão da nossa parte foi a escolha da modalidade alternativa. Optámos então por escolher kin-ball, logo no início do ano letivo, devido à falta de experiência do professor estagiário e ao pouco contacto dos alunos com esta modalidade.

Depois de todas as modalidades escolhidas, foram designados momentos avaliativos para cada uma delas, seja avaliação formativa inicial ou sumativa.

Ao longo do ano, no entanto, devido a condições meteorológicas ou a imprevistos, o plano anual foi sujeito a alterações, no entanto, nenhuma destas alterações comprometeu o processo de ensino-aprendizagem.

Fazer o plano anual revelou-se uma tarefa mais complexa do que o previsto. A interpretação do documento revelou-se confusa no início, mas debruçámo-nos sobre o assunto e rapidamente se tornou mais fácil. Posto isto, consideramos que a coordenação espaço/modalidade também não decorreu com muita fluidez. De forma a ultrapassar estas dificuldades recorreremos à colaboração dos elementos do núcleo de estágio, em que nos ajudámos mutuamente a construir o plano anual de cada um.

O plano anual encontra-se no anexo 1.

2.1.1.2. Unidades Didáticas

Segundo (Pais, 2013) “Uma Unidade Didática remete do ponto de vista da concepção do processo de ensino/aprendizagem, para uma realidade técnico-didática baseada num conjunto de opções metodológicas/estratégicas que apresentam como fundamentos técnicos de base: uma forma específica de relacionar a seleção do conteúdo programático com o fator tempo.”

As Unidades Didáticas representam espaços de organização didática e estabelecer linhas orientadoras de concepção e atuação. Uma unidade didática deve ser real, prática, útil e deve definir os objetivos didáticos que se pretendem alcançar e as aprendizagens a realizar. Nela deve incluir a progressão e sequenciação da unidade didática. Devem também ser flexíveis, de modo que permitam a sua revisão constante. (Pais, 2013)

De forma a estruturar adequadamente as Unidades Didáticas e à semelhança do que se pretendia, foi discutido com o professor na reunião de Núcleo de Estágio as componentes essenciais para a estruturação das Unidades Didáticas.

Desta forma, as Unidades Didáticas são compostas por uma sequência lógica de conteúdos que facilitem a estruturação dos planos de aula. Delas fazem parte: a estrutura de conhecimento, que fornece noções acerca da modalidade em si; a caracterização dos recursos da escola, para que o professor tenha noção do que se lhe é disponibilizado; os objetivos específicos desta turma; o quadro de extensão e sequência de conteúdos, que envolve as progressões pedagógicas e as estratégias de ensino; e as grelhas de avaliação da turma.

A Unidade Didática de Voleibol foi a unidade didática mais pautada pela negativa. Os objetivos propostos pelas AE revelaram-se demasiado exigentes para a turma A do 9º ano, pelo que a unidade teve de sofrer constantes alterações. Desta forma, optámos também por utilizar os objetivos das AE como guias para a progressão, sendo que na prática, os exercícios tiveram de ser muito simplificados.

Elaborar a UD de Kin-ball foi também um desafio uma vez que não há muitas referências que ajudem a estruturar a modalidade. Como é uma modalidade alternativa, os objetivos não estão descritos nas AE, pelo que fomos obrigados a procurar ajuda externa, recorrendo a uma professora que tem experiência na modalidade. Com ela discutimos ideias e conhecimentos que permitiram elaborar a UD em questão.

As UD de ultimate frisbee, kinbal e dança foram as que requereram menos alterações, devido às capacidades que os alunos demonstraram desde início, como também à estruturação do modelo do conhecimento da atividade ser claro e conciso.

Construir as unidades didáticas permitiu-nos crescer a nível profissional uma vez que nos proporcionou conhecimento e nos deu base dos conteúdos de cada modalidade e os seus objetivos a atingir.

2.1.1.3. Planos de Aula

A última componente do planeamento, e talvez a mais importante, é a elaboração dos planos de aula. Uma aula é uma situação de aprendizagem específica e única, onde os objetivos e conteúdos são desenvolvidos com meios de realização e instrução e ensino, de forma a transmitir aos alunos conhecimentos e habilidades, através da aplicação de uma metodologia compatível com a temática estudada. (Takahashi & Fernandes, 2004)

O plano de aula foi construído com base o modelo de aula do 1.º ano do MEEFEBS, pois consideramos ser um documento completo tendo um espaço dedicado para a fundamentação/justificação das opções tomadas. Este é composto por tarefas a realizar; organização e descrição das tarefas, objetivos específicos, componentes críticas, critérios de êxito e palavras-chave correspondentes às tarefas planeadas. Procurámos reproduzir as indicações de Quina (2009) na utilização de uma estrutura de aula tripartida, composta pela parte inicial, fundamental e final. O plano de aula encontra-se no anexo 2. A parte inicial da aula é constituída por uma preleção inicial aos alunos, onde se cria um ambiente favorável à prática da aula, e pelo aquecimento motor que é constituído por dois exercícios base: corrida e mobilidade articular. A parte fundamental é onde estão representados os exercícios core da aula, ou seja, os exercícios escolhidos pelo professor para trabalhar a modalidade em questão. Nesta parte fundamental estão representadas também as componentes críticas e de sucesso, que servem como linha guiadora para o professor dar feedback aos alunos aquando da realização dos exercícios. Por fim, na parte final da aula é esperado que os alunos regressem à calma e se preparem para finalizar a aula. Esta parte da aula envolve também a arrumação do material e alguns exercícios de alongamentos.

O plano de aula conta também com um lugar predisposto à justificação das escolhas para a aula, bem como uma reflexão crítica a ser preenchida no fim de cada aula, onde se apontavam os aspetos negativos e positivos da mesma, de acordo com a opinião pessoal e com o feedback dado pelo professor coordenador.

Para a elaboração do plano de aula foi necessário recorrer ao inventário da escola de forma a perceber os recursos materiais disponíveis para a realização de cada aula.

A elaboração e aplicação dos planos de aula foi, sem dúvida, a tarefa onde notámos mais dificuldades. Apesar de ser uma tarefa elaborada duas vezes por semana durante todo o período de estágio, foi também a componente mais imprevisível. A gestão do tempo das aulas, a criação dos grupos de alunos, a fluidez e progressão dos exercícios, nem sempre corriam como planeado. Estas atividades requereram adaptação e mudança no momento, para que o assunto fosse resolvido com a maior rapidez possível, de forma a não prejudicar significativamente os alunos.

A heterogeneidade da turma nem sempre é benéfica na aplicação dos planos de aula. Onde, por um lado, os alunos mais competentes desafiam os alunos menos capazes para chegarem ao seu nível, por outro um exercício delineado para os alunos pode ser demasiado complexo ou demasiado simples. Desta forma, é importante também encontrar o ponto de equilíbrio, de forma que os exercícios não prejudiquem os alunos mais competentes nem frustrem os alunos menos dotados.

Com a experiência, estas adversidades são resolvidas com mais naturalidade pois o erro reforça constantemente a capacidade adaptativa do professor. A instrução, organização e transmissão de feedback ajudam ao aumento da acessibilidade da obtenção dos objetivos propostos.

A tabela 3, abaixo, representa as dificuldades sentidas, com exemplos concretos, as estratégias utilizadas para as ultrapassar e o resultado destas.

Tabela 3 - Dificuldades, estratégias e resultados do planeamento

Dificuldades Sentidas	Estratégias	Resultado
Planeamento		
De forma geral, não sou pessoa de estar sentada ao computador e considero que esta foi a maior dificuldade a nível do planeamento.	De forma a ultrapassar estas dificuldades procurámos elaborar este trabalho dito de secretária de uma forma gradual para não perder a motivação e não deixar o trabalho acumular	Não deixar o trabalho acumular permitiu-nos ter algum tempo “livre” e ajudou-nos a não nos sentirmos tão sobrecarregados com trabalho burocrático.
Unidades Didáticas		
Nas Unidades Didáticas, sentimos dificuldade em transpor a informação recolhida para o papel	Houve bastante empenho na procura de informações sobre cada modalidade e exercícios que se podia realizar em aula. Assim, anotou-se a informação por tópicos numa primeira fase para posteriormente desenvolver a UD propriamente dita.	Ter a UD estruturada por tópicos ajudou a não perder a lógica dos conteúdos e facilitou a construção do texto corrido
Pouca informação disponível para a UD de Kin-ball	Contactámos uma professora com experiência na área que nos ajudou a recolher informação	Unidade Didática construída com alguma supervisão e segurança de colocar informação correta.
Planos de aula		
Delineamento dos objetivos da aula	A estas três dificuldades foram aplicadas estratégias idênticas. Alterar os planos de aula consoante o feedback do professor responsável	Planos mais estruturados e concisos, com melhor fluidez de leitura.
Componentes críticas escritas na negativa ao invés da positiva		
Números da UD		

2.1.2. Realização

A segunda componente do processo de ensino-aprendizagem é a realização, ou ação, que é caracterizada pela aplicação prática do planeamento e dos conhecimentos

obtidos ao longo do percurso escolar, onde há interação professor/aluno. Nesta fase age-se em função do plano previamente estabelecido, das interações em situação e do feedback que se recebe. (Leite, 2010). Dentro da realização Siedentop, 1976 distinguiu três componentes: a instrução, a gestão e clima e disciplina

2.1.2.1. Instrução

A instrução abrange todos os comportamentos e técnicas de ensino que fazem parte do leque de conhecimentos do professor para transmitir a informação.

A instrução representa um papel de alta importância na condução das aulas e no sucesso do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que engloba todos os comportamentos da intervenção pedagógica.

Esta dimensão é frequentemente utilizada em aula uma vez que está diretamente relacionada aos objetivos de aprendizagem, ou seja, na preleção inicial onde é apresentado o conteúdo e os objetivos da mesma, na demonstração de determinados exercícios, nas perguntas, no feedback e no final da aula, onde existe um breve balanço final.

A instrução foi um tema bastante discutido nas reuniões do Núcleo de estágio, maioritariamente com o objetivo de criar e aplicar estratégias que permitiam aperfeiçoar a instrução nos diferentes momentos de aula.

Nos debates supramencionados surgiu várias vezes a preleção inicial. Esta foi uma dificuldade que sentimos, principalmente no início do período de estágio. Inicialmente era difícil captar a atenção dos alunos para que ouvissem de forma ordenada e atenta. Desta forma a estratégia encontrada para este contratempo foi utilizar maior projeção vocal e contagem decrescente, para lhes dar espaço de concentração. A segunda questão abordada nestas reuniões relaciona-se com quantidade é diferente de qualidade. Inicialmente as nossas instruções eram muito vagas e não iam diretas ao ponto em questão, ocupando tempo útil da aula e comprometimento motor dos alunos. Além de serem vagas, numa fase inicial as instruções eram de extremos, ou demasiado curtas ou demasiado longas, mas muitas vezes sem informação útil e necessária. Uma preleção quer-se curta e concisa de modo a não afetar o ritmo e intensidade da aula e tampouco o tempo útil de atenção. Neste sentido, o feedback corretivo do professor responsável e

as reuniões juntamente com o NE mostraram-se indispensáveis para correção destas dificuldades. Com o decorrer do EP a instrução foi melhorando significativamente, sendo realizada de uma forma estruturada e coerente.

O feedback é um conjunto de informação que resulta do desempenho do aluno e que pode ser transmitido de várias maneiras, sejam elas verbais ou não verbais. (Wulf, Schmidt, & Deubel, 1993). Da intervenção pedagógica, relativamente ao feedback sentimos que, numa fase inicial, o professor estagiário demonstrou dificuldades na distinção dos nomes dos alunos, confundindo-os e chamando erroneamente um aluno para dar feedback, quando não era a ele que se destinava. No entanto, com o passar do tempo o professor foi reconhecendo os alunos, tanto pela grelha de fotografias utilizada no planeamento das aulas, como nas vivências com os alunos em contexto presencial.

A segunda dificuldade foi, numa fase inicial, o feedback do professor estagiário era pouco coerente, deixando os alunos confusos com o seu conteúdo e explicação. Esta dificuldade foi ultrapassada com alguma insistência e ajuda dos colegas do núcleo de estágio e o professor responsável que corrigiam o feedback dado sempre que não era correto.

A terceira e última dificuldade associada ao feedback foi o conhecimento diminuído relativamente a algumas Unidades didáticas, nomeadamente a de Ultimate Freesbi, Kin-Ball e Dança. De forma a ultrapassar esta dificuldade foi necessário um empenho e pesquisa mais extensa acerca de cada uma delas.

O principal objetivo da demonstração é a transmissão de informações acerca da meta a ser atingida através de uma ação (Tonello & Pellegrini, 1998). Das dificuldades sentidas na demonstração destacamos três que consideramos terem sido as mais prejudiciais para o desenvolvimento enquanto professor estagiário. A primeira, sendo esta numa fase mais inicial, foi a ausência de demonstração, colocando muito mais foco na instrução e feedback. A segunda, relaciona-se com a anterior, sendo que após correção do professor responsável começou a haver preocupação em demonstrar os exercícios, mas ainda assim esta demonstração era muito curta e demasiado simples. Pressupondo que as pessoas aprendem de variadíssimas formas, em que alguns alunos têm mais facilidade a receber feedback auditivo e outros a receber feedback visual, a demonstração é igualmente importante ao feedback, no sentido de não deixar nenhum aluno com dúvidas

em relação ao que está a ser explicado. A última dificuldade prede-se às demonstrações incorretas da parte do professor estagiário que, após conversar com o professor responsável se preocupou em trabalhar de antemão os exercícios que pretendia explicar.

2.1.2.2. Gestão

A organização e gestão de uma aula é composta por variadas decisões tomadas que promovem o melhor aproveitamento do tempo, espaço, materiais e alunos. (Onofre, 2017). Desta forma, acreditamos que o domínio desta área da intervenção pedagógica, exponencia a qualidade do processo ensino-aprendizagem. Os professores que planeiam tendem a ser melhores gestores de tempo e organização da aula, proporcionando melhor variedade de atividades e qualidade de informação transmitida. (Gonçalves, 2017)

No início do EP, um dos grandes constrangimentos sentidos na gestão foi o incumprimento de todas as tarefas que estavam planeadas para determinada aula, seja por demasiado tempo num dos exercícios, ou por instrução ou feedback demasiado longos, obrigando-nos a encurtar o tempo útil de cada exercício ou até mesmo retirar um exercício do plano.

Uma estratégia que colmatou esta dificuldade foi explicar sempre aos alunos, no início da aula, todos os exercícios que iam realizar durante a aula. Desta forma não era necessário parar a aula múltiplas por períodos de tempo demasiado grandes.

Da mesma maneira, organizar as equipas no início de cada aula e mantê-las até ao fim poupou tempo e fez com que os alunos soubessem sempre com quem tinham de estar, para além de simplificar as transições entre exercícios.

Consideramos também que ao longo do EP a gestão das aulas foi uma competência que o professor estagiário foi desenvolvendo de maneira positiva.

Em suma, através da atenção prestada a gerir as situações de aprendizagem, conclui-se que a dimensão abordada é um ponto chave no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

2.1.2.3. Clima e Disciplina

Muito embora as dimensões gestão e clima disciplinar sejam distintas, acreditamos que as duas estão interligadas. Através de uma correta gestão de atividades,

espera-se que o nível de envolvimento dos alunos aumente, criando assim um clima favorável à aprendizagem.

Relativamente ao desempenho do professor estagiário nesta dimensão, este preocupou-se em manter uma relação de amizade com os alunos, mas com o devido respeito que deve prezar numa relação aluno/professor. Desde o início do EP que nos preocupámos em estabelecer limites, ao mesmo tempo que deixámos os alunos confortáveis para nos abordarem caso sentissem necessidade ou tivessem alguma dúvida ou problema.

Aplicar esta estratégia teve resultados bastante positivos pois os alunos sempre demonstraram um comportamento exemplar, interesse na disciplina e vontade de participar. No entanto, e apesar de considerarmos normal tendo em conta a idade dos alunos, houve alguns comportamentos de desvio ao longo do ano que obrigaram à repreensão dos mesmos. Ainda assim, estas repreensões não foram significativas pelo que o balanço final da turma relativamente ao clima e disciplina é bastante positivo.

2.1.2.4. Reajustamentos, estratégias e opções

O Estágio Pedagógico é um período dinâmico, com ocorrência de imprevistos onde surge a necessidade de realizar ajustamentos durante a prática pedagógica. No entanto, estas alterações só se mostram frutíferas caso o professor seja detentor de conhecimento suficiente sobre a matéria, para as realizar adequadamente.

Com o que foi mencionado até aqui, podemos considerar que o ensino é dividido em duas circunstâncias: conceção e realidade. Desta forma, e durante o EP, constatámos quão fácil é haver necessidade de alterar o que foi delineado inicialmente.

Na UD de voleibol, por exemplo, o conteúdo delineado foi de acordo com os conteúdos esperados, segundo as AE. No entanto, tendo em conta que os alunos demonstraram capacidades ligeiramente abaixo do esperado, esta progressão teve de ser alterada e adaptada consoante as necessidades deles.

Uma outra decisão de ajustamento recaiu precisamente num aspeto incontornável: a meteorologia. Desta forma, por muito que uma aula tenha sido planeada inicialmente, se as condições climatéricas não permitissem a sua realização, tínhamos rapidamente de encontrar uma solução que não prejudicasse os alunos de nenhuma forma.

Por fim, a última decisão de ajustamento que consideramos importante mencionar eram as ausências dos alunos em aula, pelo que inicialmente as equipas eram delineadas de certa forma e no momento de aula tinham de ser reajustadas para ficarem equilibradas e justas para a realização da aula. Uma estratégia aplicada para combater esta necessidade de reajustamento, e que resultou bastante bem, foi pedir aos alunos que enviassem um email ao professor estagiário no dia anterior à aula a confirmar as presenças

A tabela 4 borda alguns exemplos de dificuldades sentidas e as respetivas estratégias para as ultrapassar.

Tabela 4 - Dificuldades, estratégias e resultados da realização

Dificuldade Sentida	Estratégia	Resultado	Componente
Demasiado Feedback que implicou pouco tempo de prática	Não parar a aula, mas ir dando feedback aos alunos enquanto praticavam por grupos	Mais tempo útil comprometimento motor; aulas mais dinâmicas	Instrução
Dificuldade em perceber quando a aula tinha de ser parada para instrução ou esta podia ser dada individualmente	Observação das aulas do professor Marco e dos momentos em que tomava estas decisões	Aumento de perceção relativamente a esta necessidade	Instrução/Gestão
Difícil captação da atenção dos alunos	Maior projeção vocal Utilização de contagem decrescente para dar tempo de concentração	Os alunos já reconhecem a contagem decrescente e realizam o que lhes é pedido antes do fim da mesma.	Clima e Disciplina
Equipas não definidas desde início	Estruturar as equipas aquando do delineamento do plano da aula	Aulas mais fluidas, sem paragem para definir equipas	Gestão
Circulação no espaço da aula	Observação das aulas do professor Marco e dos colegas para ganhar autoconsciência da minha posição	Mais abertura para os alunos se aproximarem em caso de dúvida. Melhor comunicação não verbal	Gestão

Demonstrações incorretas - no voleibol a manchete estava a ser realizada de forma incorreta	Ver vídeos que demonstravam a correta prática do gesto. Seguir as instruções do prof Marco. Treinar antes de dar a aula	Melhorias na performance enquanto demonstrávamos	Instrução
Alunos a faltarem causa constrangimento no planeamento	Pedir aos alunos que enviasse email com as faltas do dia seguinte	Menos necessidade de reajuste do plano.	Clima e Disciplina /Gestão

2.1.3. Avaliação

Segundo Perrenoud (2000, citado em Dadrino, Dadrino, & Meireles, 2010) “o sistema nacional de avaliação oferece uma direção, um parapeito, um fio condutor; estrutura o tempo escolar, mede o ano, dá pontos de referencia, permite saber se há um avanço na tarefa”. Além disso, Hoffman (2002, citado em Dadrino, Dadrino, & Meireles, 2010) afirma que os “o processo avaliativo não deve estar centrado no entendimento imediato pelo aluno das noções de estudo, ou no entendimento em todos os tempos equivalentes. Essencialmente porque não há paradas ou retrocessos nos caminhos de aprendizagem. Todos os aprendizes estão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisará abranger a diversidade de traçados, provocando-os a prosseguir sempre.”

Desta forma, o instrumento avaliativo é uma ferramenta indispensável no processo de ensino-aprendizagem, recusando, no entanto, o pensamento tradicional que este só serve para classificar os alunos.

Ao longo do EP realizaram-se três tipos de avaliações diferentes: avaliação Formativa Inicial, Avaliação Formativa Processual e Avaliação Sumativa

2.1.3.1. Avaliação Formativa inicial

A informação obtida na avaliação inicial dos alunos permite-nos estabelecer concretamente prioridades/objetivos e ajustar as atividades dos alunos no sentido de promover o seu desenvolvimento. (de Carvalho, 2017)

No decorrer do EP, realizaram-se inúmeras avaliações formativas iniciais (AFI), em que, por norma, eram realizadas na primeira aula de cada UD. No entanto, devido a alguns imprevistos, a AFI da Unidade Didática de Ténis foi realizada pelo professor estagiário.

Para todos os momentos de AFI foram utilizadas grelhas avaliativas, presentes no *dossier* digital de Educação Física, presente no anexo 3, que foram elaboradas de forma que o seu preenchimento fosse fácil e rápido, para facilitar o processo de avaliação. Os conteúdos presentes nas grelhas avaliativas continham as componentes técnicas e táticas relativas a cada modalidade. Estes conteúdos avaliativos foram escolhidos com base nos objetivos delineados nas AE.

As grelhas utilizadas apresentavam parâmetros simples e objetivos que permitiam colocar os alunos de acordo com o seu nível de desempenho. Foram atribuídos níveis de desempenho entre 1 e 5, sendo que o nível 1 não executa ou fá-lo com muita dificuldade e o nível 5 apresenta elevado nível de proficiência.

Os exercícios escolhidos para os momentos de AFI foram exercícios com que os alunos já se sentiam familiarizados e, no caso dos desportos coletivos, situação de jogo, que nos permitia observar todas as componentes inerentes à modalidade a ser avaliada.

Relativamente às dificuldades sentidas durante este processo, foram mais numa fase inicial, mas é importante destacar algumas. Inicialmente uma das estratégias que utilizámos foi utilizar um quadro com os nomes dos alunos e os elementos avaliativos da modalidade. Esta estratégia acabou por se demonstrar pouco proveitosa, uma vez que o professor estagiário se prendeu muito à tabela, perdendo momentos de tarefa e não desenvolvendo capacidade de avaliar a turma na sua globalidade e a nível individual. A segunda dificuldade estava relacionada com o nível dos alunos e com as informações a retirar desse nível, ou seja, saber que determinado aluno demonstrava nível elevado de proficiência é sinónimo de ser um aluno que pode ajudar nas demonstrações dos exercícios nas aulas seguintes, por exemplo

Associadas às dificuldades dade supramencionadas, surge a capacidade reduzida de dar feedback objetivo e a pouca capacidade de observação e consequente anotação. Como o domínio de alguns conteúdos não era adequado, o processo de diagnóstico da capacidade dos alunos ficou comprometido.

2.1.3.2. Avaliação Formativa Processual

A avaliação processual, também conhecida como avaliação formativa contínua, engloba muito mais do que um conjunto de perguntas reunidas numa prova. Esta combina instrumentos avaliativos para medir de forma adequada diferentes aspetos do aluno, e pode ser também utilizada como diagnóstico de aprendizagem. Esta avaliação permite perceber se o aluno está a evoluir no processo ensino-aprendizagem. (Cecílio & Albuquerque, 2010)

O DL nº 55/2018, Artigo 24 corrobora com o supramencionado. A avaliação formativa processual (AFP) assume um “caráter contínuo e sistemático, ao serviço das aprendizagens, recorrendo a uma variedade de procedimentos, técnicas e instrumentos de recolha de informação, adequados à diversidade das aprendizagens, aos destinatários e às circunstâncias em que ocorrem.”

Tendo em conta que a AFP é o passo seguinte à Avaliação Formativa Inicial, esta realizou-se em todas as aulas seguintes à conclusão da AFI. Esta pretendia monitorizar as aprendizagens durante cada UD de forma a oferecer o melhor resultado possível aos alunos. Esta avaliação permitia também perceber se era necessário um reajuste ao plano inicialmente delineado.

Como parte integrante desta avaliação fazia também parte a autoavaliação dos alunos, em que no final de cada aula lhes era distribuído uma folha com os conteúdos avaliativos da aula em questão para que se autoavaliassem. Esta estratégia teve resultados bastante positivos pois auxiliou o professor estagiário a perceber a opinião dos alunos relativamente às suas competências, de forma a comparar com a sua própria opinião

As dificuldades sentidas na avaliação formativa foram bastante idênticas às mencionadas na avaliação inicial, isto é, o facto de serem muitos alunos tornava-se assoberbado.

Um exemplo de autoavaliação realizada pelos alunos e um quadro de AFP encontram-se no anexo 6.

2.1.3.3. Avaliação Sumativa

Segundo (D. Fernandes, n.d.) “A avaliação sumativa permite-nos elaborar um balanço, ou um ponto de situação, acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer no final de uma unidade didática ou após ter decorrido um certo período de tempo. Neste sentido, a avaliação sumativa é pontual, porque ocorre em certos momentos mais ou menos pré determinados, enquanto a avaliação formativa é tendencialmente contínua.”

Tendo em conta que este é o terceiro e último momento avaliativo de cada Unidade Didática, as aulas escolhidas para esta avaliação foram as últimas de cada uma. De forma que os alunos não se sentissem pressionados nestas aulas, os exercícios escolhidos não eram de forma alguma diferentes dos exercícios executados em aulas anteriores. No entanto, estas aulas de avaliação desenvolviam-se muito mais à volta da situação de jogo nas modalidades onde isto fosse aplicável.

A Avaliação Sumativa é considerada uma continuidade à AFP, uma vez que a nota final de cada Unidade Didática tem em conta estes dois momentos ou períodos avaliativos. Os níveis atribuídos na avaliação sumativa variaram entre 3 e 5, demonstrando que todos os alunos demonstraram competências aceitáveis ou até mesmo bastante adequadas.

Um exemplo de uma tabela de avaliação sumativa está representado no anexo 5.

As dificuldades sentidas neste processo avaliativo relacionam-se com as dificuldades de observação e recolha já mencionadas nas avaliações anteriores. Estas dificuldades foram-se tornando mais ligeiras ao longo do ano, com o crescimento de experiência e com os conselhos constantes do professor responsável.

A tabela 5 representa as dificuldades, estratégias e resultados sentidos ao longo do processo avaliativo.

Tabela 5 - Dificuldades, estratégias e resultado da avaliação

Dificuldades	Estratégias	Resultado
Observação e recolha de informação acerca de todos os alunos e da generalidade da turma	Desfoco dos parâmetros e não prender tanto ao papel Estudar em casa os objetivos avaliativos para que na aula poder estar com atenção exclusivamente aos alunos	Maior facilidade em todos os momentos avaliativos a partir das UD do 2º período.

2.2. Dimensão 2 – Atividades de Organização e Gestão Escolar

A fim de ganhar conhecimento acerca da função e tarefas do Coordenador Técnico do Clube do desporto escolar, fez-se, durante o EP o acompanhamento ao professor José.

Este acompanhamento tem como principal objetivo proporcionar ao professor estagiário vivências que lhe permitam alargar conhecimento, uma vez que esta matéria não faz parte da sua formação inicial.

Acompanhar o coordenador técnico do desporto escolar permitiu-nos atingir vários objetivos, dos quais destaco os seguintes: (1) Compreender o valor educativo e profissional do cargo; (2) Contactar com a atividade do Desporto Escolar num contexto real, compreendendo o seu processo organizativo; (3) Perceber como o papel do Coordenador Técnico do Clube do Desporto Escolar relaciona o Desporto Escolar com o Grupo de Educação Física; (4) Perceber as facilidades e dificuldades com que o coordenador se depara e (5) Conhecer e reconhecer metodologias eficazes de coordenação e gestão do funcionamento das atividades (intraescola) colaborando na preparação e dinamização.

O acompanhamento que realizámos no Desporto Escolar, abrangeu algumas atividades integradas nos Projetos Complementares que a escola se dispôs a participar e integradas na atividade interna (Nível I), e apoio à atividade externa (Nível II), através do acompanhamento na realização de Jornadas concentradas e saídas nalguns Grupos/Equipa. A nível intraescola ajudámos a colocar em prática a realização do Corta-Mato escolar, MegaSprinter (fase escola) e a atividade do Núcleo de Estágio de Educação Física. A nível intraescolas, o MegaSprinter Distrital e o apoio alguns Grupos/Equipa concluíram a nossa participação.

O cargo de assistente ao Coordenador Técnico do Clube do desporto escolar foi uma experiência enriquecedora pois permitiu-me o contacto com professores e alunos que não faziam parte do meu regime de aulas normal.

Este contacto com o Desporto escolar permitiu a perceção da sua importância nos seguintes aspetos: (1) Proporciona a todos os alunos, dentro da escola, atividades desportivas de carácter lúdico/recreativo, de formação ou de orientação desportiva; (2) Desenvolve o gosto pela prática regular das atividades físicas e assegura a compreensão da sua importância como fator de saúde. (3) Cria na escola um espaço de convívio

desportivo e de atividade física diversa. (4) Faculta aos alunos a participação em competições com outros estabelecimentos de ensino, cumprindo as regras do espírito desportivo e normas de disciplina.

A tabela 6 representa as dificuldades sentidas, as estratégias aplicadas e o resultado das mesmas.

Tabela 6 - Dificuldades, estratégias e resultado da organização e gestão escolar

Dificuldades	Estratégias	Resultado
Dificuldade na gestão de várias atividades ao mesmo tempo	Criar uma metodologia de gestão de atividades mais eficiente	Este nível de participação deveu-se à carga horária do EP, que não nos permitiu assistir a mais eventos. Desta forma, a estratégia deveria ter sido aplicada de outra forma.

2.3. Dimensão 3 – Atividades de Projetos e Parcerias Educativas

A dimensão de projetos e parcerias educativas tem como objetivo dar a conhecer aos professores estagiários os diferentes modos de atuação e conteúdos de intervenção de um professor na vida escolar.

No início do Estágio Pedagógico foram delineadas duas atividades a organizar e realizar ao longo do ano letivo. O Athletikids e o Projeto Olimpíada Sustentada - Ninguém Deve Ser Deixado para Trás.

A primeira atividade foi inserida no projeto Era Olímpica, que transmite os valores intrínsecos dos Jogos Olímpicos: Excelência, Respeito e Amizade e ocorreu dia 17 de dezembro de 2021.

A Associação Internacional das Federações de Atletismo explica que esta é uma atividade direcionada a crianças e realizada em equipa. Nesta atividade, as crianças são desafiadas a realizar atividades de várias componentes parecidas às que estão inseridas na disciplina de Atletismo e presentes nos Jogos Olímpicos.

Atividades de equipa enaltecem o espírito de cooperação e entrelaçam entre os indivíduos, permitindo também aos alunos sair fora da rotina, experienciando uma atividade diferente daquelas a que estão habituados em contexto escolar. Assim, um dos objetivos desta atividade foi promover um dia de diversão aos alunos, incluindo a prática

de exercício físico e permitindo-lhes alargar conhecimentos relativamente à modalidade de atletismo.

A organização da atividade foi feita de modo que pudesse fluir o melhor possível. Desta forma, logo de início foi estabelecido um sentido de circulação entre estações, para que a transição entre as mesmas não causasse quebra da distância de segurança. Posto isto, o nosso raciocínio foi pensar quais os jogos que tínhamos estabelecido e qual a melhor maneira de os distribuir pelo campo do pavilhão.

Para a realização da atividade pedimos a colaboração da Associação de Estudantes da escola, que se disponibilizou de imediato. Os alunos da AE fizeram parte das demonstrações e controlo no decorrer de cada uma das atividades.

Esta atividade representa uma experiência bastante enriquecedora. Desempenhar o papel de organizador de atividade é gratificante quando os alunos demonstram gostar da atividade, empenhando-se ao máximo, e quando toda a comunidade escolar se envolve para que tudo corra bem.

A segunda atividade foi inserida nos objetivos do programa “Desporto e Desenvolvimento Sustentável”, utilizando o Desporto como um meio para atingir metas de inclusão e socialização entre diferentes membros da comunidade.

A primeira componente consistiu no leccionamento de aulas de boccia, conduzidas pelos professores do NE, a alunos com medidas educativas de inclusão. A segunda componente da atividade, que foi também o culminar da mesma, consistiu numa competição para todos os participantes, fomentando a socialização entre todos os intervenientes.

A atividade contou com a colaboração do corpo docente e não docente da escola onde foi realizada a atividade e com a Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM), de Vila Nova de Poiares.

Esta atividade foi bastante gratificante. Foi notório que os alunos criaram memórias, por ter sido um dia diferente do que estão habituados, onde também retiram aprendizagens que possivelmente não teriam tão fácil acesso de outra forma.

Além disso, consideramos importante termos trabalhado com indivíduos com diferentes necessidades a nível de ensino, que nos deu ferramentas para simplificar os

métodos de ensino, quando necessário, ou dar outro tipo de estímulos, para que todos se possam sentir incluídos na atividade.

Para nós, enquanto professores e seres humanos, consideramos que a atividade foi um sucesso. Sendo a primeira vez que trabalhei diretamente com população com dificuldades, consideramos que esta atividade nos permitiu abrir horizontes e alargar o meu prisma de ensino. Esta é também uma condição que nos é muito próxima, uma vez que durante o meu crescimento lidei com pessoas portadoras de deficiência, que fomentou esta vontade de trabalhar com pessoas que requerem atenção e considerações de ensino diferentes.

Às atividades projetos e parcerias educativas acrescentam-se ainda as participações ativas na organização e desenvolvimento das competições do Desporto Escolar, mencionadas na dimensão anterior.

A tabela 7 representa as dificuldades sentidas e as estratégias a estas aplicadas.

Tabela 7 - Dificuldades, estratégias e resultados dos projetos e parcerias escolar

Dificuldades	Estratégias	Resultado
Sobrestimámos a facilidade de montagem do campo	Decidimos montar o campo no dia anterior, ao contrário do que tinha sido planeado inicialmente	Caso tivéssemos esperado para montar o percurso no dia da atividade ia criar constrangimentos enormes. Desta forma, o a atividade não se atrasou e o percurso realizou-se com fluidez.
Não divulgar a atividade de forma apropriada para que mais alunos participassem	Criação de divulgação interna com tempo de antecedência.	Apareceram alguns alunos mas esperávamos mais.
Pobres conhecimentos do boccia	Pesquisa extensa acerca dos conteúdos e discussão com o NE.	Aprendemos uma modalidade nova e desenvolvemos capacidades de transmitir os conhecimentos
Relacionado com o anterior: dificuldade em estabelecer objetivos de evolução na modalidade	Conversa e discussão entre o NE para decidir o número aulas e o tipo de progressão entre cada uma delas	Concordância no método de ensino
Abordar os alunos por serem portadores de deficiência	Identificar o diagnóstico de cada aluno convidado de	Melhor comunicação entre alunos e professores

Reticência na comunicação	forma a perceber as suas características e perceber como lidar com alunos com estas limitações	
---------------------------	--	--

2.4. Dimensão 4 – Atitude Ético-Profissional

A ética profissional é o conjunto de princípios que regem a conduta funcional de uma profissão (Almeida, 2004 citado em Fabiani, 2009). Desta forma é necessário um código de Ética Profissional que tenha como base a discussão de valores éticos e de formação profissional. Assim, aliar a prática à técnica não é suficiente. É necessário procurar ser um ótimo profissional com o melhor nível ético ou técnico possível. (Fabiani, 2009)

Realizar o EP parte do pressuposto que o professor estagiário assume um compromisso de responsabilidade ética, altruísmo, solidariedade e consciência em todos os campos de intervenção. Desta forma, ao longo do ano existiu sempre um cuidado em tratar todos os elementos docentes e não docentes de uma forma respeitosa, com base na igualdade.

Desta relação de respeito e cooperação, destaca-se a relação criada com o NE e todo o grupo de EF, pois foram também os elementos mais envolvidos e com quem mais colaborámos e partilhámos ao longo do ano de estágio.

Uma parte integrante desta dimensão de ética foi também o compromisso inicial que se estabeleceu com o professor responsável, pautado pelo respeito mútuo, exigência, honestidade e humildade. Este compromisso permitiu-nos crescer não só como professores, mas também como indivíduos.

O DL n°240/2001 refere que o professor “promove aprendizagens curriculares, fundamentando a sua prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das ações concretas da mesma prática, social e eticamente situada.”

No que diz respeito ao contacto com os alunos, ou seja, a intervenção pedagógica, fomentou-se desde início um ambiente positivo com todos os alunos, considerando as necessidades individuais de cada um de forma a satisfazer as suas necessidades. Para além das competências teóricas que lhes foram transmitidas, tentámos também passar-lhes um

conjunto de valores que os permita sentirem-se parte integrante da comunidade em que estão inseridos, sem nunca esquecerem a sua individualidade. Ao longo do ano letivo foi possível observar o crescimento dos alunos não só nas modalidades, mas também como pessoas e indivíduos com opiniões e personalidades distintas.

Em suma, o EP permitiu a vivência de experiências que nos permitirão estar mais bem preparados e habilitados para no futuro encarar a docência. Através de uma boa conduta ético-profissional gera-se um clima de trabalho positivo e índices de produtividade elevados.

A tabela 8 representa as dificuldades sentidas e as estratégias a estas aplicadas.

Tabela 8 - Dificuldades, estratégias e resultados Ética e profissionalismo

Dificuldades	Estratégias	Resultados
Postura inicial não foi a mais adequada - os alunos mostravam respeito, mas por o professor titular estar lá	Reforçar aos alunos ao longo do ano que a nossa relação é construída à base do respeito Alterar o tom de voz consoante as situações Delinear períodos de trabalho e de relaxamento	Os níveis de respeito aumentaram ao longo das aulas.

Tema/problema

Projeto de Investigação-Ação

Qual é a diferença na motivação entre alunos federados e não federados para as aulas de Educação Física?

Estágio Pedagógico

Núcleo de Estágio Escola EB 2,3 de Vila Nova de Poiares

Resumo

A motivação é o processo que inicia, guia e mantém comportamentos guiados por objetivos. Este trabalho, baseado na recolha de dados através do uso do questionário “*Perceived Locus of Causality Questionnaire*”, versão adaptada ao português, pretende estudar a diferença da motivação para as aulas de Educação Física entre os alunos federados e não federados. A amostra foi recolhida numa escola de ensino básico e secundário e contou com um total de 375 alunos. Para análise de dados, a motivação foi dividida em quatro componentes chave: motivação intrínseca, regulação identificada, regulação introjetada, regulação externa e amotivação. Os resultados demonstram que os alunos não federados e federados não apresentam muita diferença de motivação entre eles, apesar de os alunos federados apresentarem níveis de motivação ligeiramente mais elevados.

Palavras-chave: motivação, educação física, federado, não federado

Abstract

Motivation is the process that initiates, guides, and maintains goal-driven behaviors. This work, based on data collection using the questionnaire “Perceived Locus of Causality Questionnaire”, a Portuguese adapted version, aims to study the difference in motivation for Physical Education classes between federated and non-federated students. The sample was collected in a high-school school and had a total of 375 students. For data analysis, motivation was divided into four key components: intrinsic motivation, identified regulation, introjected regulation, external regulation, and amotivation. The results show that non-federated and federated students do not show considerable differences in motivation between them, although federated students present slightly higher levels of motivation.

Keywords: motivation, physical education, federated, non-federated

1. Introdução

O presente estudo construiu-se no âmbito do plano de estudos do segundo ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Universidade de Coimbra, na unidade curricular Investigação-Ação e inserido na intervenção do Estágio Pedagógico, no presente ano letivo 2021/2022. O trabalho foi pensado e articulado em conjunto pelos Professores Estagiários do Núcleo de Estágio de Educação Física e os Professores Orientadores, visando uma aprendizagem cooperativa, uma melhoria do conhecimento profissional produzido e uma maior eficácia do desempenho individual de cada um dos professores estagiários. Desta forma, o tema escolhido para ser estudado foi a influência de ser federado em algum desporto num ambiente externo à escola, na motivação para as aulas de Educação Física. A partir desta problemática surgiu a questão: “Qual a diferença na motivação entre alunos federados e não federados para as aulas de Educação Física?”.

Desta forma, numa primeira fase, foi estudada esta influência numa turma de 9º ano, que serviu como amostra piloto. Como estes dados se mostraram insuficientes, a segunda e presente componente deste estudo foi realizá-lo numa amostra mais ampla. Para isto foi aplicado o questionário PLOCQ, inicialmente criado por Goudas, Biddle e Fox (1994) adaptado para a língua portuguesa por (Teixeira, Monteiro, Carriça, & Palmeira, 2018), a todos os alunos inscritos nas aulas de Educação Física da escola EB 2, 3 de Vila Nova de Poiães e analisados posteriormente os dados utilizando a plataforma SPSS.

Este estudo é de elevada pertinência uma vez que pode ajudar a encontrar explicações para a crescente falta de motivação dos alunos para as aulas de educação física.

Assim, inicialmente foi realizada uma contextualização do tema através da fundamentação teórica. De seguida é descrita a metodologia de análise de recolha de dados, que posteriormente originaram os resultados. Na discussão pretende analisar-se os dados recolhidos, podendo assim chegar a uma conclusão.

2. Fundamentação Teórica

Motivação é o processo que inicia, guia e mantém comportamentos guiados por objetivos. É o que causa uma ação, quer seja ir buscar um copo de água para matar a sede

ou ir ler um livro para ganhar conhecimento. Segundo Iso-Ahola & Clair (2000) a “motivação é o mais importante determinante no comportamento humano e esta influencia decididamente a seleção e manutenção de uma atividade”.

Em 1985, Ryan e Deci desenvolveram a teoria da autodeterminação. Estes afirmam que as pessoas necessitam de se sentir competentes e autodeterminadas para se sentirem intrinsecamente motivadas. Em 1999, Wehmeyer, desenvolveu um modelo funcional para a autodeterminação onde afirma que a esta representa um conjunto de comportamentos e habilidades que dotam a pessoa da capacidade de ser o agente decisivo em relação ao seu futuro, ou seja, de ter comportamentos intencionais. Tendo por base a teoria da autodeterminação, foram estabelecidos dois tipos de motivação: motivação intrínseca e motivação extrínseca (Leal, Miranda, & Carmo, 2013)

De acordo com esta teoria, a motivação intrínseca tem um papel de mediador importante na aquisição de noção e autoconceito do indivíduo acerca do ambiente que o rodeia, isto é, refere-se à execução de determinada atividade pelo prazer que esta proporciona. Os indivíduos que possuem motivação intrínseca, ou por autodeterminação, terão mais consequências a nível cognitivo, afetivo e comportamental (Cox, Smith, & Williams, 2008). A motivação intrínseca está relacionada com maior empenho e gosto da parte dos indivíduos quando se envolvem nas atividades.

A motivação extrínseca, por sua vez, é aquela em que o indivíduo reage a algo externo à atividade, ou seja, trabalha para receber recompensas, elogios, reconhecimento ou para demonstrar capacidades relativamente a determinadas atividades. A motivação nos indivíduos difere extrinsecamente entre eles, em grande parte devido às diferenças de personalidade, sendo que cada indivíduo apresenta uma força motivacional distinta (Veigas, Ferreira, & Boto, 2009). Dentro da motivação extrínseca existem vários tipos de regulação. A regulação Identificada é caracterizada pela importância dos objetivos, valor e regulamentos e é moderadamente autónoma, isto é, a pessoa considera um comportamento importante, ainda que de forma inconsciente. A motivação Introjetada afirma que a autoestima do indivíduo depende do desempenho da atividade, envolvendo o ego do mesmo. É uma motivação moderadamente controlada. A motivação externa envolve situações de recompensa e punição, tornando-a uma motivação controlada. Por fim, a ausência de motivação denomina-se de amotivação e é caracterizada por ausência de regulação intencional. (Leal et al., 2013)

A motivação para a prática de desporto em idades jovens é uma temática que tem sido alvo de atenção de investigadores e profissionais desta área. (Guedes & Silvério Netto, 2013). Motivação é a chave para iniciar e sustentar comportamentos de saúde benéficos (Kelso et al., 2020).

Grande parte dos estudos que existem acerca da motivação para a participação, são do tipo descritivo, tendo como foco os motivos que levam as pessoas a participar numa dada atividade. Estes motivos são os fatores dinâmicos que influenciam a conduta de um indivíduo, consciente ou inconscientemente, na direção de um objetivo. Os motivos oscilam entre um impulso e um objetivo específico que ao ser atingido reduz ou anula temporariamente o impulso (Veigas et al., 2009).

Gill, Gross, & Huddleston (1983) referem que as crianças participam no desporto por mais do que uma razão, inserindo-se esses motivos em constructos comuns, sendo os mais importantes o desenvolvimento da técnica; a demonstração de competência; excitação; desafio e divertimento.

Os níveis de atividade física têm vindo a diminuir durante a adolescência. Apenas cerca de 36% dos alunos no nível de escolaridade entre o 9º e o 12º correspondem ao nível recomendado de atividade física (Cox et al., 2008). Estes dados são preocupantes no sentido em que a falta de atividade física acarreta inúmeras comorbidades para o futuro dos adolescentes, enquanto a presença da mesma potencia o bem-estar geral.

A Atividade Física e o Desporto têm um impacto claro nas aprendizagens e desenvolvimento motor, saúde e aspetos sócio afetivos (Lopes et al., 2020). Um dos fatores importantes relacionado com diferentes aspetos da participação na Educação Física é a prática de desportos fora da escola (Anderssen, 1993). Os argumentos que suportam esta ideia, referem que os alunos que praticam desporto fora da escola estão mais familiarizados com os conteúdos de Educação Física comparativamente aos restantes alunos (Goudas, Dermitzaki, & Bagiatis, 2001).

Um estudo por Isorna Folgar, Rial Boubeta, Vaquero Cristobal e Sanmartín Zamácola (2015), analisou a motivação dos alunos do ensino primário e secundário para a prática de desportos federados e canoagem. No entanto, durante a pesquisa, não se encontraram estudos que estudassem o contrário. Não existe prevalência de estudos que demonstrem se a motivação dos alunos para as aulas de educação física difere entre alunos

federados e não federados. Desta forma, a teoria da autodeterminação servirá como base para estudar este fenómeno.

3. Metodologia

Este capítulo é composto pela abordagem ao estudo, pela pergunta de partida os objetivos, hipótese e variáveis, instrumento, procedimentos de recolha de dados e procedimentos de tratamento e análise de dados.

3.1. Abordagem

O presente trabalho é um estudo quantitativo que utilizou questionários preenchidos pelos alunos com o objetivo de fornecer dados acerca do tópico de estudo. Um estudo quantitativo relaciona-se com tudo o que possa ser medido em números, que serão classificados e analisados, utilizando técnicas estratégicas, objetivando resultados que não podem ser distorcidos na sua análise e interpretação, permitindo uma menor margem de erro (Dalfovo, Lana, & Silveira, 2008).

De acordo com os procedimentos utilizados, a pesquisa efetuada é do tipo *survey*. A pesquisa *survey* recolhe informação diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter. Trata-se de um procedimento útil, especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas. Por sua vez, de acordo com os seus objetivos, a pesquisa é do tipo descritivo que pretende descrever os factos e fenómenos de determinada realidade (Gerhardt & Silveira, 2009).

3.2. Pergunta de partida

De forma a conduzir este estudo, foi criada a pergunta de partida: “*Qual a diferença na motivação entre alunos federados e não federados para as aulas de educação física?*”. Esta pergunta de partida servirá como guiador para conduzir o estudo dentro dos seus objetivos.

3.3. Objetivos, hipóteses e variáveis

Tabela 9 - Objetivos, hipóteses e variáveis

Pergunta de partida	Objetivos	Hipóteses	Variáveis
“Qual a diferença na motivação entre alunos federados e não federados para as aulas de educação física?”	Identificar se existe diferença na motivação para as aulas de educação física entre alunos não federados e federados	H1. Alunos não federados apresentam mais motivação para as aulas de educação física H2. Alunos federados apresentam mais motivação para as aulas de educação física H3. Ambos os grupos apresentam níveis idênticos de motivação	Variável dependente: Prática de desporto federado Variável independente: Tipos de motivação (Motivação Intrínseca; Regulação Identificada; Regulação Introjetada; Regulação Externa; Amotivação)

3.4. Procedimentos de recolha

Este estudo quantitativo utilizou questionários entregues aos alunos, para que fossem preenchidos de forma anónima, com questões diversificadas que permitissem responder às questões do estudo. A escolha deste questionário foi realizada juntamente com os colegas estagiários que também se encontram a lecionar na escola EB 2, 3 de Vila Nova de Poiares. O questionário foi desenvolvido com base na tradução do “Perceived Locus of Causality Questionnaire” de (Teixeira, Monteiro, Carraça, & Palmeira, 2018). Este questionário é um dos mais utilizados para estudar a motivação dos alunos nas aulas de educação física, de acordo com a teoria da autodeterminação. Foi criado com o intuito de desenvolver uma escala que englobasse o espectro completo dos comportamentos dentro da teoria da Autodeterminação.

Desta forma, o questionário foi adaptado com o intuito de responder a questões pertinentes que permitam obter resultados importantes para o problema de estudo correspondente a de cada professor estagiário.

O questionário encontra-se representado no anexo 6.

3.5. Procedimento de análise de dados

De forma a proceder à análise dos dados, foram inseridos na plataforma SPSS que permite a sua análise estatística. Foi criada uma base de dados em comum com os restantes colegas de estágio. Para analisar os dados foi utilizada a estatística descritiva que utiliza várias técnicas para descrever e sumarizar um conjunto de dados. Da estatística descritiva, utilizou-se a média, desvio padrão, valor máximo e mínimo e criaram-se gráficos de bigodes para representar a informação

Posto isto, cada um dos estagiários analisou as respostas em função do seu tema-problema para cada pergunta presente no questionário.

Esta análise de dados permitirá posteriormente estabelecer uma ponte entre a motivação dos alunos federados e não federados e o empenho nas aulas de educação física.

Os resultados encontram-se no capítulo seguinte.

3.6. Amostra

Esta pesquisa vai focar-se na amostra recolhida com um n de 375 alunos, inscritos nas aulas de Educação Física da escola EB 2, 3 de Vila Nova de Poiares. A amostra foi recolhida com a ajuda do grupo de professores de Educação Física, que se disponibilizou para distribuir e recolher os questionários a todas as turmas pelas quais eram responsáveis. A escolha da amostra foi efetuada de maneira a permitir a recolha de dados e informações sobre as características ou as opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa (da Fonseca, 2002)

4. Resultados

A figura 1 representa a amostra de dados recolhidos federados, em que 68,8% dos alunos inquiridos não são federados e os restantes 31,2% são federados.

Federado		
	N	%
Não	258	68.8%
Sim	117	31.2%

Figura 1 - Percentagem de alunos federados e não federados

Os resultados apresentados serão divididos consoante as dimensões estabelecidas inicialmente. Desta forma, as questões efetuadas no questionário preenchido pelos alunos são divididas em cinco tipos de motivação: Motivação Intrínseca; Regulação Identificada; Regulação Introjetada; Regulação externa e Amotivação.

Motivação intrínseca

Na primeira dimensão, encontram-se as questões 3, 8 e 17, que pertencem à motivação intrínseca. Analisando estas três questões, podemos concluir que as respostas são bastante semelhantes entre elas, tanto nos alunos não federados como nos alunos federados apresentam uma média de 5,76 e 5,53, respetivamente, não sendo uma diferença muito relevante. No entanto, os alunos não federados apresentam um desvio padrão acima dos alunos federados com 1,37 e 0,7, respetivamente. Esta diferença no desvio padrão demonstra que os alunos federados são mais coesos nas suas respostas. Ainda assim, no geral, os alunos parecem considerar as aulas de educação física divertidas, gostarem e demonstrarem satisfação ao aprender novos exercícios. Desta forma, comparando os dois grupos, a diferença relativamente à motivação intrínseca não é muito díspar, apesar de os alunos federados apresentarem resultados ligeiramente mais elevados. O gráfico 1 representa os valores obtidos para a motivação intrínseca. Os resultados da estatística descritiva estão apresentados no anexo 8.

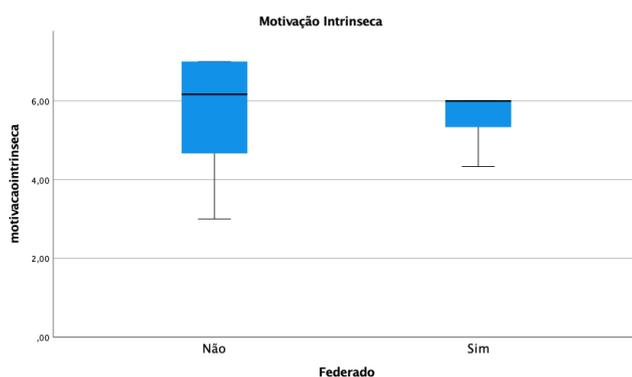


Gráfico 1 - Motivação Intrínseca

Regulação Identificada

A Regulação Identificada está representada nas questões 2, 7, 12 e 16. Quando analisamos as questões de forma geral, no que toca aos alunos não federados podemos concluir que as respostas não são muito díspares. Da amostra de alunos não federados, a média para as quatro perguntas analisadas nesta regulação é de 5,65, com um desvio padrão de 1,73. Nestas questões a resposta mínima é de 2 e a resposta máxima 7. Do grupo de alunos federados, a média obtida é de 5,3 com um desvio padrão de 0,8. No entanto, neste grupo de alunos, a pontuação mínima foi 4.

Assim, comparando os dois grupos, os alunos não federados apresentam resposta mais heterogéneas comparativamente aos alunos federados. E, apesar de não ser uma diferença destacável, estes valores indicam que os alunos federados apresentam uma regulação identificada mais elevada que os alunos não federados.

O gráfico abaixo representa os valores para a regulação Identificada. Os resultados da estatística diferencial encontram-se apresentados no anexo 9.

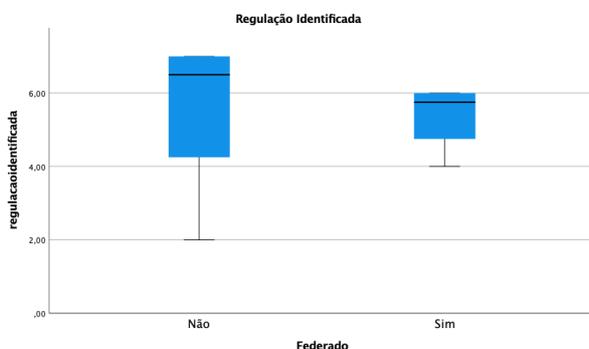


Gráfico 2 - Regulação Identificada

Regulação Introjetada

A regulação introjetada é constituída pelas perguntas 6, 11 e 15, que deram origem aos dados do gráfico 3. Nesta questão, os alunos não federados apresentam uma média de 3,83 e desvio padrão de 2,3, comparativamente aos alunos federados que apresentam uma média de 3,4 com desvio padrão de 1,21. Apesar de os resultados não serem muito díspares, nota-se uma diferença neste tipo de motivação entre os grupos. O grupo de alunos não federados apresenta resultados mais elevados, em parece considerar mais as aulas de educação física como uma obrigação e, portanto, desenvolvem mais rapidamente um sentimento de culpa caso não participem na mesma. No entanto, o grupo de alunos federados demonstra ficar mais incomodado quando não participa nas aulas de Educação Física. Este grupo demonstrou também respostas mais coerentes relativamente ao grupo de controlo oposto, o que demonstra terem uma opinião mais unânime relativamente a este tipo de motivação.

A estatística descritiva encontra-se no anexo 10.

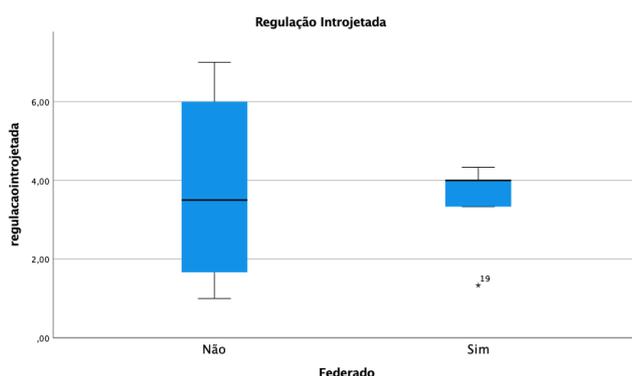


Gráfico 3 - Regulação Introjetada

Regulação Externa

A regulação externa é representada pelas perguntas 1, 5, 10 e 14. As questões abordam o receio face às consequências negativas caso não participem nas aulas, o impacto da opinião do professor relativamente ao seu desempenho e a obrigatoriedade das aulas. Nesta componente, os alunos não federados apresentaram uma média de $3,38 \pm 1,43$ e os alunos federados apresentam uma média de $2,15 \pm 1,04$.

Estes valores são bastante díspares e demonstram que os alunos não federados apresentam valores de motivação externa superiores aos alunos federados. Desta forma, o primeiro grupo de alunos demonstra ter mais receio das consequências de uma participação pobre, da opinião do professor, ou da realização das aulas de educação física por obrigatoriedade.

O gráfico 4, mostra as respostas de ambos os grupos de estudo. A estatística descritiva encontra-se no anexo 11.

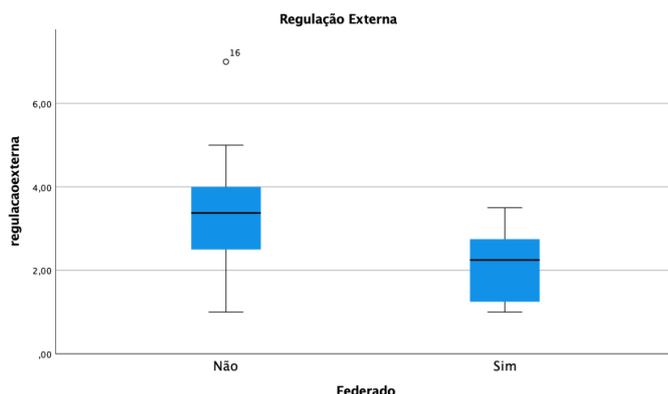


Gráfico 4 - Regulação Externa

Amotivação

O último tipo de motivação analisada é a Amotivação, debatida nas questões 4, 9, 13 e 18. Nestas questões, a opinião de ambos os grupos é unânime. Os dois parecem não apresentar sinais de amotivação. Apesar de haver outliers em ambos os grupos, a média de resposta ronda 1,3 valores. No entanto, a média no grupo de alunos não federados é ligeiramente mais alta que a média do grupo de alunos federados: $1,46 \pm 0,76$ e $1,35 \pm 0,66$. O tipo de respostas é também mais heterogéneo no primeiro grupo. Estes valores demonstram que o grupo de alunos não federados apresenta mais sinais de amotivação comparativamente ao grupo de alunos federados.

Abaixo pode encontrar-se o gráfico para a Amotivação. A estatística descritiva encontra-se no anexo 12.

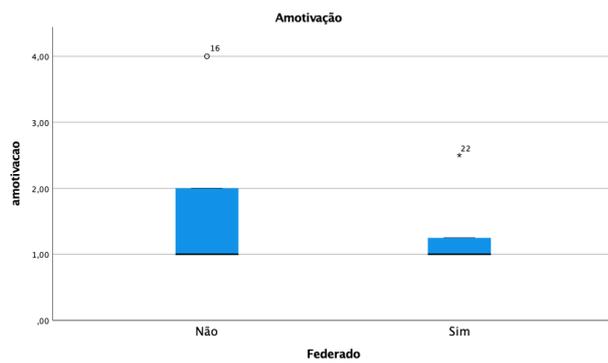


Gráfico 5 - Amotivação

5. Discussão

Os resultados obtidos indicam que a segunda hipótese estabelecida é aceite. Esta hipótese foi estabelecida com base no PLOCQ que identificou os diversos tipos de motivação previamente mencionados. (Goudas et al., 1994). Desta forma, a segunda hipótese verifica maiores tendências nas categorias Regulação Introjetada e Regulação Externa.

A motivação intrínseca é a motivação que não está relacionada com o meio exterior e depende unicamente das motivações individuais (Ryan & Deci, 2000). As atividades realizadas meramente guiadas pela motivação intrínseca, são conotadas de divertimento, prazer e satisfação para o indivíduo. (Fernandes & Vasconcelos-Raposo, 2005). Os resultados obtidos provam que ambos os grupos de controlo se divertem e sentem prazer nas aulas de educação física. No entanto, o grupo de alunos federados apresenta valores ligeiramente mais elevados para esta motivação, o que significa que, comparativamente, os alunos federados gostam mais e sentem mais satisfação na realização das aulas de educação física. Além disso, a heterogeneidade dos resultados dos alunos não federados, corrobora a afirmação anterior, demonstrando que há mais alunos com respostas diferentes relativamente à motivação intrínseca. O elevado resultado da motivação intrínseca pode ser explicado pelo facto de estas aulas apresentarem estímulos e espaço de realização diferentes relativamente às restantes aulas (Pizani, Barbosa-Rinaldi, Miranda, & Vieira, 2016).

A regulação Identificada é um tipo de motivação externa que se verifica quando um comportamento é guiado pelos seus resultados e benefícios, como por exemplo um aluno obter uma boa nota por participar ativamente na aula (Fernandes & Vasconcelos-Raposo, 2005). Analisando os resultados obtidos, conclui-se que o grupo de alunos não federados apresenta mais tipo de opiniões, demonstrando que os resultados positivos das aulas de educação física podem não ser o principal fator que os leva a participar ativamente nas aulas. No entanto, apresentam resultados no intervalo médio superior, que significa a maioria dos alunos deste grupo é também guiado por este tipo de motivação. No que toca aos alunos federados, nota-se uma média superior ao grupo anterior, e um intervalo de respostas menor, indicando que este grupo de alunos é movido pelas recompensas que a participação ativa nas aulas de educação física lhes traz. Os resultados

elevados na regulação Identificada indicam que os alunos gostam de participar nas aulas de educação física, compreendem os seus benefícios e consideram que os fatores externos têm pouca influencia na sua prática. (Viana, Andrade, & Matias, 2010)

A regulação Introjetada envolve a resolução de impulsos, ou seja, participar ou não participar na aula e a decisão final é resultante de pressões internas como a culpa ou a ansiedade caso não participe adequadamente na aula, ou do desejo de ser reconhecido e parabenizado por participar. (Fernandes & Vasconcelos-Raposo, 2005). Considerando os resultados apresentados anteriormente, concluímos que os grupo de alunos não federados parece apresentar mais regulação introjetada comparativamente aos alunos federados, ou seja, o grupo de alunos não federado tem tendência a participar nas aulas de educação física por receio das consequências ou necessidade de conhecimento, enquanto o grupo de alunos federados parece ter outros motivos que os levam a participar nas aulas.

A regulação externa é caracterizada pela existência de recompensas ou ameaças que condicionam a participação em determinada atividade (Pizani et al., 2016). Aquando da análise dos resultados obtidos para este tipo de motivação, percebemos que os alunos não federados participam nas aulas de educação física por obrigação e apresentam mais receio das consequências, comparativamente aos alunos federados. Relativamente à opinião do professor, o grupo de alunos federados tem mais em conta a opinião deste, quando comparados aos alunos não federados. Weinberg e Gould (2001) e descrito em (Pizani et al., 2016), afirmam que os professores têm um papel fundamental na motivação externa dos alunos uma vez que a aprendizagem pode ser regulada por forças externas, tais como as regras em sala de aula impostas pelo professor, incentivos e corretivos. Desta forma, este tipo de motivação pode também variar não só entre alunos não federados/federados, como também entre turmas.

Por fim, mas não menos importante, a motivação é caracterizada pela ausência de motivação, onde o aluno não compreende os motivos pelos quais tem de realizar determinada atividade. (Viana et al., 2010). Os alunos da escola analisada não apresentam sinais de amotivação, demonstrando compreender o porquê das aulas de educação física, bem como os seus objetivos. Ainda assim, os alunos federados mostram sinais de amotivação ligeiramente mais baixos que o grupo de alunos não federados. Por este ser o tipo de motivação com resultados mais baixo, concluímos que os alunos apresentam, na

sua maioria, outro tipo de motivação que os conduz a participar ativamente nas aulas de educação física.

6. Conclusão

O presente trabalho apresenta, como objetivo de estudo, a diferença na motivação para as aulas de Educação Física, entre os alunos não federados e os alunos federados. Após a análise dos dados obtidos, notámos uma diferença entre os alunos federados e não federados e a sua motivação para as aulas. O grupo de alunos não federados apresenta uma disparidade nas respostas muito mais elevada quando comparado ao grupo de alunos federados. Esta disparidade pode significar que os alunos federados apresentam uma consideração diferente, e mais elevada, para as aulas de educação física quando comparados aos alunos não federados. A motivação intrínseca, é ligeiramente superior no grupo de alunos federados. Na Regulação Identificada os alunos federados parecem considerar de mais importantes os valores e objetivos das aulas, quando comparados aos alunos não federados. Igualmente à Regulação Identificada, na Regulação Introjetada, a autoestima dos alunos federados é influenciada em maior escala pelos resultados das aulas, comparativamente aos alunos não federados. Na regulação Externa notámos uma disparidade nos resultados, uma vez que os alunos federados não participam nas aulas por medo de punição ou reprimendas enquanto os alunos não federados demonstram mais receio relativamente às consequências, apesar de ambos os grupos apresentarem resultados relativamente inferiores à média da classificação possível. Por fim, no parâmetro da Amotivação, os valores são muito semelhantes nos dois grupos de controlo, apesar de os alunos federados apresentarem resultados inferiores comparativamente aos alunos não federados.

Assim, em resposta à pergunta “*Qual a diferença na motivação entre alunos federados e não federados para as aulas de Educação Física?*”, é possível concluir que os alunos federados apresentam uma motivação, a nível geral, mais elevada do que os alunos não federados. Os alunos federados parecem apresentar motivação intrínseca mais elevada, ou seja, realizam as atividades por motivação própria e não por motivo externa, ao passo que os alunos não federados apresentam maior motivação extrínseca, ou seja, participam nas atividades por motivo externo, seja este para aumentar a autoestima, evitar punições ou agradar a terceiros.

Limitações do estudo

O presente estudo foi o primeiro passo para estudar a diferença na motivação entre alunos federados e não federados. Desta forma, a amostra recolhida apresentou alguns dados relevantes, mas é importante ter em consideração que o número de alunos federados era bastante inferior ao número de alunos não federados. Além disso, não foram considerados os níveis sócio-económicos dos alunos, por não haver dados que o indicasse. O estudo foi centrado em jovens que frequentam o mesmo contexto, ou seja, escola, clubes desportivos externos, etc. pelo que a amostra pode não ter sido heterogénea o suficiente. Relativamente à análise dos dados, não foi utilizada a estatística inferencial, que poderia ter sido útil para transpor os dados obtidos ao resto da população, de forma a testar as hipóteses.

Para estudo futuro, será importante inquirir mais alunos federados de forma a recolher uma amostra semelhante em ambos os grupos. Além disso, uma das componentes inquiridas no questionário foi o desporto em que os alunos eram federados. Este dado acabou por não ser utilizado por incompatibilidade temporal, mas consideramos importante ser um objetivo de estudo para um estudo futuro. Por fim, num próximo estudo, será pertinente estabelecer correlações entre outras categorias, como por exemplo alunos federados masculinos versus alunos não federados femininos.

Esperamos poder aprofundar estas e outras questões em futuras ocasiões.

Conclusão

Olhando em retrospectiva para todo o Estágio Pedagógico, acreditamos que a evolução foi exponencial, tanto a nível de conhecimentos adquiridos, como da experiência que desenvolvemos. Assim, este relatório de estágio foi construído com base em todas as vivências, frustrações e aprendizagens que este estágio pedagógico envolveu.

Não há melhor maneira de aprender do que transpor as questões aprendidas na teoria para a prática. Assim, a experiência desenvolvida ao longo do EP contribuiu bastante para a solidificação dos conteúdos aprendidos ao longo da licenciatura e mais especificamente no 1º ano de mestrado. A prática permitiu-nos desenvolver competências de gestão de conflitos, tomar decisões rápidas e solucionar problemas de forma a não prejudicar a turma a que dei aulas. Ainda assim, errar é humano e faz parte do crescimento pessoal e profissional, pelo que nem todas as decisões e escolhas feitas foram as melhores. Levamos delas também situações de aprendizagem.

Apesar de ter sido um ano marcado por inúmeras situações pessoais negativas e conotado pela dificuldade e trabalho que o EP envolve, este foi um ano que ficará sempre marcado na memória como um dos mais decisivos. Este ano permitiu-nos reforçar o sentimento que ser professor de Educação Física é o nosso futuro, pelo que a motivação para tal cresceu ainda mais.

De todas as vivências em contexto escolar ao longo deste ano, queremos destacar todas as trocas e partilhas com os restantes membros no NE e com o professor responsável, seja nas reuniões semanais, que conotavam um carácter mais formal, como em todas as conversas ao longo do ano letivo. Esta troca permitiu um crescimento pessoal e profissional enorme e foi sempre pautada por um ambiente positivo de entreajuda e cooperação.

O medo que existia no início, relativamente a estar à altura do cargo foi diminuindo ao longo da prática, pelo que, mais uma vez, reforçou que é nesta área que queremos trabalhar.

Terminar esta etapa da vida escolar sempre foi um objetivo que tivemos presente e não há palavras que descrevam o sentimento que é acabá-la com sucesso, num lugar onde fomos muito bem recebidos e em que toda a gente que nos rodeia se disponibilizou para nos ajudar a ir até ao fim.

Referencias Bibliográficas

- Anderssen, N. (1993). Perception of physical education classes among young adolescents: do physical education classes provide equal opportunities to all students? *Health Education Research*, 8(2), 167–179. <https://doi.org/10.1093/her/8.2.167>
- Cecílio, C., & Albuquerque, N. (2010). Avaliação processual: por que ir além das provas. Retrieved May 23, 2022, from <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2172/avaliacao-processual-por-que-ir-alem-das-provas>
- Cox, A. E., Smith, A. L., & Williams, L. (2008). Change in Physical Education Motivation and Physical Activity Behavior during Middle School. *Journal of Adolescent Health*, 43(5), 506–513. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2008.04.020>
- Dalfovo, M., Lana, R., & Silveira, A. (2008). MÉTODOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS: UM RESGATE TEÓRICO. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2, 1–13.
- Datrino, R. C., Datrino, I. F., & Meireles, P. H. (2010). Avaliação como processo de ensino-aprendizagem. *Revista de Educação*, 13(15).
- de Carvalho, L. M. D. (2017). Avaliação das aprendizagens em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, (10–11), 135–151.
- Fabiani, M. T. (2009). O código de ética dos profissionais de educação física. *Psicologia.Com.Pt*, 10.
- Fernandes, D. (n.d.). Avaliação Sumativa. *Universidade Nova I Instituto de Educação*.
- Fernandes, H. M., & Vasconcelos-Raposo, J. (2005). Continuum de Auto-Determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10(3), 385–395. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300007>
- Gerhardt, T., & Silveira, D. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Universidade Federal do Rio Grande so Sul.
- Gill, D. L., Gross, J. B., & Huddleston, S. (1983). Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sport Psychology*, 14(1), 1–14.

- Gonçalves, C. A. (2017). Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física; n. 10-11 (1994): A Avaliação Em Educação Física*. Retrieved from <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/162>
- Goudas, M., Biddle, S., & Fox, K. (1994). Perceived locus of causality, goal orientations, and perceived competence in school physical education classes. *British Journal of Educational Psychology*, *64*(3), 453–463. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.2044-8279.1994.tb01116.x>
- Goudas, M., Dermitzaki, I., & Bagiatis, K. (2001). Motivation in Physical Education is Correlated with Participation in Sport after School. *Psychological Reports*, *88*(2), 491–496. <https://doi.org/10.2466/pr0.2001.88.2.491>
- Guedes, D. P., & Silvério Netto, J. E. (2013). Participation Motivation Questionnaire: tradução e validação para uso em atletas-jovens brasileiros. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, *27*(1), 137–148. <https://doi.org/10.1590/s1807-55092013005000003>
- Iso-Ahola, & Clair, S. (2000). Toward a Theory of Exercise Motivation. *Quest*, *52*. <https://doi.org/10.1080/00336297.2000.10491706>
- Isorna Folgar, M., Rial Boubeta, A., Vaquero Cristobal, R., & Sanmartín Zamácola, F. (2015). Motivaciones para la práctica de deporte federado y del piragüismo en alumnos de primaria y secundaria (Motivations for the practice of federated sports and canoeing in primary and secondary students). *Retos*, *2041*(21), 19–24. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i21.34598>
- Kelso, A., Linder, S., Reimers, A. K., Klug, S. J., Alesi, M., Scifo, L., ... Demetriou, Y. (2020). Effects of school-based interventions on motivation towards physical activity in children and adolescents: A systematic review and meta-analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, *51*(July), 101770. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2020.101770>
- Leal, E. A., Miranda, G. J., & Carmo, C. R. S. (2013). Teoria da autodeterminação: uma análise da motivação dos estudantes do curso de ciências contábeis. *Revista Contabilidade & Finanças*, *24*(62), 162–173. <https://doi.org/10.1590/s1519-70772013000200007>

- Leite, T. (2010). *Planeamento e concepção da acção de ensinar*. (U. de Aveiro, Ed.) (Vol. 1ª Edição).
- Lopes, H., Gouveia, É., Rodrigues, A., Correia, A. L., Antunes, H., & Alves, R. (2020). *O Potencial Educativo da Educação Física e do Desporto Escolar numa Escola Interativa. O Potencial Educativo da Educação Física e do Desporto Escolar numa Escola Interativa*. Funchal, Madeira.
- Neto, M., & Peixoto, A. (2018). O processo de auto-supervisão, auto-reflexão e auto-observação: um estudo de caso. *Atas Do 7º Congresso Ibero-Americano Em Investigação Qualitativa: Investigação Qualitativa Na Educação, 1*, 318–329. Retrieved from blob:https://proceedings.ciaiq.org/1a1d848a-c0ff-4303-ac74-8eba0d4247cb
- Onofre, M. (2017). Prioridades de Formação Didáctica em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física; n. 12 (1995)*. Retrieved from <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/167/154>
- Pais, A. (2013). A unidade didáctica como instrumento e elemento integrador de desenvolvimento da competência leitora: crítica da razão didáctica. *Didáctica e Práticas: A Língua e a Educação Literária*.
- Pizani, J., Barbosa-Rinaldi, I. P., Miranda, A. C. M. de, & Vieira, L. F. (2016). (Des) motivação na educação física escolar: uma análise a partir da teoria da autodeterminação. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte, 38(3)*, 259–266. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.010>
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist, 55(1)*, 68–78. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.68>
- Siedentop, D. (1976). Developing teaching skills in physical education.
- Takahashi, R. T., & Fernandes, M. de F. P. (2004). Plano de Aula: conceitos e metodologia. *Acta Paulista de Enfermagem, 17(1)*, 114–118. Retrieved from <https://acta-ape.org/article/plano-de-aula-conceitos-e-metodologia/>
- Teixeira, D. S., Monteiro, D., Carraça, E., & Palmeira, A. L. (2018). Translation and validation of the perceived locus of causality questionnaire (PLOCQ) in a sample of Portuguese physical education students. *Motriz. Revista de Educacao Fisica, 24(2)*.

<https://doi.org/10.1590/S1980-6574201800020007>

- Tonello, M. G. M., & Pellegrini, A. M. (1998). A utilização da demonstração para a aprendizagem de habilidades motoras em aulas de Educação Física. *Revista Paulista de Educação Física*, 12(2), 107–114.
- Veigas, J., Ferreira, M., & Boto, S. (2009). Motivação Para a Prática e Não Prática no Desporto Escolar. *Psicologia- O Portal Dos Psicólogos*, 1–26.
- Viana, M. da S., Andrade, A., & Matias, T. S. (2010). Teoria da autodeterminação: aplicações no contexto da prática de exercícios físicos de adolescentes. *Pensar a Prática*, 13(2), 18.
- Wehmeyer, M. L. (1992). Self-determination and the education of students with mental retardation. *Education & Training in Mental Retardation*, 27(4), 302–314.
- Wulf, G., Schmidt, R. A., & Deubel, H. (1993). Reduced feedback frequency enhances generalized motor program learning but not parameterization learning. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 19(5), 1134.

Anexos

Anexo 1 – Plano anual

Data	Período	Aulas da UD	Conteúdo	Espaço	Aulas Previstas
21/09/2021, Terça	1º Período		Apresentação	Sintético	1/2
23/09/2021, Quinta			Testes de Aptidão Física – FITescola	Sintético	3
28/09/2021, Terça			Testes de Aptidão Física – FITescola	Sintético	4/5
30/09/2021, Quinta			Multiatividades	Sintético	6
07/10/2021, Quinta		1	Avaliação Formativa Inicial Andebol	Pavilhão	7
12/10/2021, Terça		2/3	Andebol	Pavilhão	8/9
14/10/2021, Quinta		4	Andebol	Pavilhão	10
19/10/2021, Terça		5/6	Andebol	Sintético	11/12
21/10/2021, Quinta		1	Atletismo	Exterior	13
26/10/2021, Terça		2/3	Atletismo	Sintético	14/15
28/10/2021, Quinta		4	Atletismo	Exterior	16
02/11/2021, Terça		1/2	Ultimate Freesby	Sintético	17/18
04/11/2021, Quinta		3	Ultimate Freesby	Sintético	19
09/11/2021, Terça		5/6	Atletismo	Sintético	20/21

11/11/2021, Quinta		4	Ultimate Freesby	Sintético	22
16/11/2021, Terça		7/8	Andebol	Pavilhão	23/24
18/11/2021, Quinta		7	Atletismo (Barreiras)	Pavilhão	25
23/11/2021, Terça		5/6	Ultimate Freesby	Pavilhão	26/27
25/11/2021, Quinta		9	Andebol	Pavilhão	28
30/11/2021, Terça		7/8	Ultimate Freesby	Sintético	29/30
02/12/2021, Quinta		9	Ultimate Freesby (Av. Sumativa)	Exterior	31
07/12/2021, Terça		10/11	Andebol	Sintético	32/33
09/12/2021, Quinta		12	Andebol	Exterior	34
14/12/2021, Terça		13/14	Andebol	Sintético	35/36
16/12/2021, Quinta			Corta-Mato escolar	Sintético	37
11/01/2022, Terça	2º Período	1/2	Voleibol	Pavilhão	41/42
18/01/2022, Terça		3/4	Voleibol	Pavilhão	43/44
20/01/2022, Quinta		5	Voleibol	Pavilhão	45
25/01/2022, Terça		6/7	Voleibol	Sintético	46/47
27/01/2022, Quinta		8	Atletismo	Exterior	48
01/02/2022, Terça		1/2	Kin Ball	Sintético	49/50

03/02/2022, Quinta		1	Ténis	Exterior	51
08/02/2022, Terça		3/4	Kin ball	Sintético	52/53
10/02/2022, Quinta		2	Ténis	Sintético	54
15/02/2022, Terça		5/6	Kin Ball	Sintético	55/56
17/02/2022, Quinta		9	Atletismo	Exterior	57
22/02/2022, Terça		8/9	Voleibol	Pavilhão	58/59
24/02/2022, Quinta			Atividade do Desporto escolar		
03/03/2022, Quinta		3	Ténis	Pavilhão	60
08/03/2022, Terça		10/11	voleibol	Pavilhão	61/62
10/03/2022, Quinta		10	Atletismo	Exterior	63
15/03/2022, Terça		7/8	Kin Ball	Sintético	64/65
17/03/2022, Quinta		4	Ténis (Marco)	Exterior	66
22/03/2022, Terça			Testes de Aptidão Física – FITescola	Sintético	67/68
24/03/2022, Quinta		5	Ténis	Sintético	69
29/03/2022, Terça		9/10	Av.sumativa (Kin Ball)	Sintético	70/71
31/03/2022, Quinta			Aula livre	Sintético	72
05/04/2022, Terça		12/13	Av.sumativa (voleibol)	Pavilhão	73/74

19/04/2022, Terça	3º Período		Avaliação Formativa inicial (professor faltou)	Pavilhão	
21/04/2022, Quinta		1	Avaliação Inicial Basquetebol	Pavilhão	75
26/04/2022, Terça		1/2	Dança (Não vai haver, aula português)	Sintético	76/77
28/04/2022, Quinta		11	Avaliação Sumativa Atletismo	Exterior	78
03/05/2022, Terça		3/4	Dança	Sintético	79/80
05/05/2022. Quinta		2	Basquetebol	Exterior	81
10/05/2022, Terça		6/7	Tênis	Sintético	82/83
12/05/2022, Quinta		5	Dança	Sintético	84
17/05/2022, Terça		8/9	Tênis (avaliação)	Sintético	85/86
19/05/2022, Quinta		6	Av. Sumativa (Dança)	Sintético	87
24/05/2022, Terça		3/4	Basquetebol	Pavilhão	88/89
26/05/2022, Quinta		5	Basquetebol	Pavilhão	90
31/05/2022, Terça		6/7	Basquetebol	Pavilhão	91/92
02/06/2022, Quinta		8	Av. Sumativa (Basquetebol)	Pavilhão	93
07/06/2022, Terça			Aula livre	Sintético	94/95

	1º Período	2º Período	3º Período
Pavilhão	10		
Sintético	23		
Exterior	4		
Aulas Previstas	37		
Pavilhão		10	
Sintético		23	
Exterior		6	
Aulas Previstas		39	
Pavilhão			9
Sintético			9
Exterior			4
Aulas Previstas			22
Total de Aulas Previstas	98		

Anexo 2 – Plano de aula

Plano de Aula

Professor(a): Diogo Martins		Data:	Hora:
Ano/Turma: 9º	Período:	Local/Espaço:	
Nº da aula:	U.D.:	Nº de aula / U.D.:	Duração da aula: 90'
Nº de alunos previstos: 24		Nº de alunos dispensados: -	
Função didática:			
Recursos materiais:			
Objetivos da aula:			

Tempo		Objetivos específicos	Descrição da tarefa / Organização	Componentes Críticas Critérios de Êxito	Estilos de Ensino
T	P				
Parte Inicial da Aula					
Parte Fundamental da Aula					
Parte Final da Aula					

Grelha de Avaliação Formativa
Fundamentação / Justificação das opções tomadas (tarefas e sua sequência):
Reflexão Crítica / Relatório de Aula

Anexo 3 – Avaliação Formativa inicial

Turma: 9º A	Avaliação Formativa Inicial - Ultimate Freesby					Obs
	Nível Introdutório			Nível Elementar		
Crítérios / Indicadores	Desmarcar-se rapidamente, oferecendo linhas de passe	Colaborar com os companheiros na reposição do equilíbrio ofensivo circulando o disco	Finalizar de preferência na zona mais favorável a ter sucesso, utilizando o lançamento mais adequado	Enquadrar-se defensivamente com o portador do disco, sem perder noção da posição do seu oponente direto e da sua Endzone defensiva.	Receber o disco e enquadrar-se com o ataque	
Nome do aluno						
1	N	S	N	S	N	I
2	S	N	S	S	N	I
3	S	S	S	S	S	E
4	N	N	S	N	N	I
5	S	S	S	N	S	I
6	S	N	N	N	N	I
7	N	N	N	N	N	E
8	S	S	N	N	N	N
9	S	S	S	S	N	E
10	S	N	N	S	N	I
11	N	S	N	N	N	I
12	S	N	S	N	N	I
13	S	S	N	N	N	E
14						
15	S	N	N	N	N	I
16	S	N	N	S	N	I
17	S	S	S	S	N	E

18	S	S	S	S	S	A
19	S	S	S	S	S	A
20	S	S	S	S	N	E
21	S	S	S	S	N	E
22	S	S	N	N	N	I
23	S	S	N	S	N	I
24	S	N	S	S	N	I
Sistema de registo:	<p>Se o aluno executa coloca-se um “S”; Se o aluno não executa coloca-se um “N” Basta que o aluno execute uma vez cada um dos critérios / indicadores para estes serem validados Finalizada a avaliação preenche-se o campo “Obs.” com o nível do aluno (I, E ou A)</p>					
Sistema de observação:	<p>Se o aluno cumpre todos os critérios do nível introdutório – nível elementar (E) Se o aluno não cumpre todos os critérios do nível introdutório – nível introdutório (I)</p> <p>Se o aluno cumpre todos os critérios do nível elementar – nível avançado (A) Se o aluno não cumpre todos os critérios do nível elementar – nível elementar (E)</p>					

Anexo 4 – Avaliação Formativa processual

Avaliação Formativa - Andebol						
		Aulas				Média
Alunos		5 e 6	7 e 8	10	11	
1		4	4	4	4	4,0
2		3	3	3	3	3,0
3		4,7	4,5	4,7	4,7	4,7
4		3	3	3	3	3,0
5		3,5	3	3	3,7	3,3
6		3,6	3,7	3,7	3,6	3,7
7		3	3	3	3	3,0
8		3	3,3	3	3	3,1
9		3,5	3,6	3,7	3,7	3,6
10		4,2	4,5	4,5	4,5	4,4
11		3	3	3,3	3,5	3,2
12		4,5	4,5	4,4	4,4	4,5
13		3,5	3,6	4	4,2	3,8
14						0,0
15		3,3	3	3,8	3,4	3,4
16		4	4	4	4	4,0
17		3,5	3,6	3	3	3,3
18		3	3	3	3	3,0
19		F	3,3	3,3	3,6	3,4
20		3,4	3,4	3,4	3,4	3,4
21		3,3	3,3	3,3	3,3	3,3
22		4,7	4,5	4,7	4,7	4,7
23		4	4	4,4	4,4	4,2
24		4,7	4,5	4,7	4,7	4,7

Anexo 5 – Avaliação Sumativa

Avaliação Sumativa - Ultimate Frisbee						
Conteúdos						
Alunos	Desmarcar-se rapidamente, oferecendo linhas de passe	Colaborar com os companheiros na reposição do equilíbrio ofensivo circulando o disco	Finalizar de preferência na zona mais favorável a ter sucesso, utilizando o lançamento mais adequado	Enquadrar-se defensivamente com o portador do disco, sem perder noção da posição do seu oponente direto e da sua Endzone defensiva.	Receber o disco e enquadrar-se com o ataque	Média
1	4	3	3	3	4	3,4
2	3,5	3	3	3	4	3,3
3	4	4	4	4	5	4,2
4	3,6	3	3	3	4	3,32
5	4	3	3	3,7	4	3,54
6	4	3	3	3,5	4	3,5
7	2	3	3	3	3	2,8
8	3	3	3	3,5	4	3,3
9	4	4	3	3,6	4	3,72
10	4	4	3	4	4	3,8
11	3	3	3	3	3,6	3,12
12	4	4	4	4	5	4,2
13	3	3	3	3	3,6	3,12
14						0
15	3	3	3	3	3	3
16	3,7	3,7	3,7	3	3,8	3,58
17	3	3	3	3	4	3,2
18	3	3	3	3	3	3
19	4	4	4	3,7	4	3,94
20	4	3	3	3,7	4	3,54
21	3	3	3	3	4	3,2
22	5	5	5	4	5	4,8
23	4	4	3,9	3,9	4	3,96
24	4	4	4	3,9	4	3,98

Anexo 6 – Grelha de autoavaliação

Grelha de Autoavaliação 9º A

Nome:	Nº:
--------------	------------

Regras de preenchimento:

- Preencher com cor azul ou preta;
- Autoavaliar-se de forma consciente colocando um traço na escala consoante o nível em que consideram ter estado no decorrer da aula.

Atitudes e Valores (comum a todas as modalidades)

Atitudes e Valores	
A	O meu comportamento foi exemplar ao longo de toda a aula, estando sempre focado/a nas tarefas propostas.

Conhecimentos e Capacidades (por modalidade)

Conhecimentos e Capacidades	
1	Na formação base manteve sempre o pescoço dobrado, e manteve os braços em elevação com as palmas das mãos voltadas para cima e para a frente;
2	Na execução do serviço a duas mãos, consegui sempre transferir o peso do corpo para a bola evitando servir apenas com a força de braços.

Modalidade:	Data:
Parâmetro	Avaliação do aluno / Avaliação do professor
A	
1	
2	
Observações:	

Anexo 7 – Questionário preenchido pelos alunos

Questionário

Motivação para as aulas de Educação Física

O presente questionário é realizado de forma anónima.

Preenche, por favor o seguinte quadro.

Ano de escolaridade:	Sexo:	Idade:
És federado em alguma modalidade?	Qual:	Há quanto tempo?

Existem muitas razões que levam um aluno a participar nas aulas de Educação Física. Por favor, indica o grau com que cada uma das razões seguintes te leva a participar nestas aulas. Assina-la a tua resposta fazendo um círculo em volta do número.

Escala: 1: Discordo totalmente; 2: Discordo; 3: Discordo em parte; 4: Não concordo nem discordo;
5: Concordo em parte; 6: Concordo; 7: Concordo totalmente

Eu participo nas aulas de EF...

1. Porque vou arranjar problemas se não o fizer	1 2 3 4 5 6 7
2. Porque quero aprender novos exercícios/desportos	1 2 3 4 5 6 7
3. Porque as aulas de EF são divertidas	1 2 3 4 5 6 7
4. Mas não sei porquê	1 2 3 4 5 6 7
5. Porque é o que é suposto eu fazer	1 2 3 4 5 6 7
6. Porque me sentiria culpado se não o fizesse	1 2 3 4 5 6 7
7. Porque é importante para mim fazer bem os exercícios na EF	1 2 3 4 5 6 7
8. Porque gosto de aprender novos exercícios/desportos	1 2 3 4 5 6 7
9. Mas não vejo porque é que tenho de fazer EF	1 2 3 4 5 6 7
10. Para evitar que o meu professor de EF se zangue comigo	1 2 3 4 5 6 7
11. Porque me sentiria mal comigo mesmo se não o fizesse	1 2 3 4 5 6 7
12. Porque quero melhorar a minha execução na EF	1 2 3 4 5 6 7
13. Mas sinto que as aulas de EF são uma perda de tempo	1 2 3 4 5 6 7
14. Porque é obrigatório	1 2 3 4 5 6 7
15. Porque fico incomodado quando não o faço	1 2 3 4 5 6 7
16. Porque posso aprender coisas úteis para outras áreas da minha vida	1 2 3 4 5 6 7
17. Pela satisfação que sinto quando estou a aprender novos exercícios/desportos	1 2 3 4 5 6 7
18. Mas não percebo o objetivo de fazer EF	1 2 3 4 5 6 7

Anexo 8 – Estatística Descritiva Motivação Intrínseca

Resumo de processamento de casos

	Federado	Válido		Casos Omisso		Total	
		N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
motivacaointrinseca	Não	18	100.0%	0	0.0%	18	100.0%
	Sim	5	100.0%	0	0.0%	5	100.0%

Descritivas

	Federado	Estatística		Estatística do teste Padrão		
motivacaointrinseca	Não	Média	5.76	.320		
		95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	5.08		
			Limite superior	6.43		
		5% da média aparada	5.84			
		Mediana	6.17			
		Variância	1.841			
		Erro Padrão	1.357			
		Mínimo	3			
		Máximo	7			
		Amplitude	4			
		Amplitude interquartil	2			
		Assimetria	-.915	.536		
		Curtose	-.401	1.038		
		Sim	Sim	Média	5.53	.327
				95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	4.63
Limite superior	6.44					
5% da média aparada	5.57					
Mediana	6.00					
Variância	.533					
Erro Padrão	.730					
Mínimo	4					
Máximo	6					
Amplitude	2					
Amplitude interquartil	1					
Assimetria	-1.531			.913		
Curtose	1.745			2.000		

Resumo de processamento de casos

	Federado	Válido		Casos Omisso		Total	
		N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
Satisfação de aprender novos exercícios	Não	256	99.2%	2	0.8%	258	100.0%
	Sim	117	100.0%	0	0.0%	117	100.0%

Anexo 9 – Estatística Descritiva Regulação Identificada

Resumo de processamento de casos

	Federado	Válido		Casos Omisso		Total	
		N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
regulacaoidentificada	Não	18	100.0%	0	0.0%	18	100.0%
	Sim	5	100.0%	0	0.0%	5	100.0%

Descritivas

regulacaoidentificada	Federado	Estatística		Estatística do teste Padrão	
regulacaoidentificada	Não	Média		5.65	.409
		95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	4.79	
			Limite superior	6.52	
		5% da média aparada		5.78	
		Mediana		6.50	
		Variância		3.016	
		Erro Padrão		1.737	
		Mínimo		2	
		Máximo		7	
		Amplitude		5	
	Amplitude interquartil		3		
	Assimetria		-1.218	.536	
	Curtose		.028	1.038	
	Sim	Média		5.30	.398
		95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	4.19	
			Limite superior	6.41	
		5% da média aparada		5.33	
Mediana			5.75		
Variância			.794		
Erro Padrão			.891		
Mínimo			4		
Máximo		6			
Amplitude		2			
Amplitude interquartil		2			
Assimetria		-.935	.913		
Curtose		-1.118	2.000		

Anexo 10 – Estatística Descritiva Regulação Introjetada

Resumo de processamento de casos

	Federado	Válido		Casos Omisso		Total	
		N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
regulacaointrojetada	Não	18	100.0%	0	0.0%	18	100.0%
	Sim	5	100.0%	0	0.0%	5	100.0%

Descritivas

	Federado	Estatística		Estatística do teste Padrão		
regulacaointrojetada	Não	Média	3.83	.547		
		95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	2.68		
			Limite superior	4.99		
		5% da média aparada	3.81			
		Mediana	3.50			
		Variância	5.389			
		Erro Padrão	2.321			
		Mínimo	1			
		Máximo	7			
		Amplitude	6			
		Amplitude interquartil	5			
		Assimetria	.207	.536		
		Curtose	-1.658	1.038		
		Sim	Sim	Média	3.40	.542
				95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	1.90
Limite superior	4.90					
5% da média aparada	3.46					
Mediana	4.00					
Variância	1.467					
Erro Padrão	1.211					
Mínimo	1					
Máximo	4					
Amplitude	3					
Amplitude interquartil	2					
Assimetria	-1.779			.913		
Curtose	3.192			2.000		

Anexo 11 – Estatística Descritiva Regulação Externa

Resumo de processamento de casos

	Federado	Válido		Casos Omisso		Total	
		N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
regulacaoexterna	Não	18	100.0%	0	0.0%	18	100.0%
	Sim	5	100.0%	0	0.0%	5	100.0%

Descritivas

Federado		Estatística		Estatística do teste Padrão			
regulacaoexterna	Não	Média		3.38	.338		
		95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	2.66			
			Limite superior	4.09			
		5% da média aparada		3.31			
		Mediana		3.38			
		Variância		2.061			
		Erro Padrão		1.436			
		Mínimo		1			
		Máximo		7			
		Amplitude		6			
		Amplitude interquartil		2			
		Assimetria		.726	.536		
		Curtose		1.046	1.038		
		Sim	Média			2.15	.465
				95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	.86	
					Limite superior	3.44	
				5% da média aparada		2.14	
Mediana				2.25			
Variância				1.081			
Erro Padrão				1.040			
Mínimo				1			
Máximo				4			
Amplitude				3			
Amplitude interquartil				2			
Assimetria				.158	.913		
Curtose				-1.738	2.000		

Anexo 12 – Estatística Descritiva Amotivação

Resumo de processamento de casos

	Federado	Válido		Casos Omisso		Total	
		N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
amotivacao	Não	18	100.0%	0	0.0%	18	100.0%
	Sim	5	100.0%	0	0.0%	5	100.0%

Descritivas

Federado		Estatística		Estatística do teste Padrão			
amotivacao	Não	Média		1.46	.179		
		95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	1.08			
			Limite superior	1.84			
		5% da média aparada		1.34			
		Mediana		1.00			
		Variância		.575			
		Erro Padrão		.759			
		Mínimo		1			
		Máximo		4			
		Amplitude		3			
		Amplitude interquartil		1			
		Assimetria		2.439	.536		
		Curtose		7.154	1.038		
		Sim	Sim	Média		1.35	.292
				95% de Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	.54	
Limite superior	2.16						
5% da média aparada				1.31			
Mediana				1.00			
Variância				.425			
Erro Padrão				.652			
Mínimo				1			
Máximo				3			
Amplitude				2			
Amplitude interquartil				1			
Assimetria				2.092	.913		
Curtose				4.416	2.000		

Apêndice

Apêndice 1 – Certificado Comité Olímpico



CERTIFICADO

O Comité Olímpico de Portugal confere o presente Certificado a

Diogo Martins

peelo trabalho desenvolvido na promoção da
Educação Olímpica através da implementação do projeto
Olimpíada Sustentada: ninguém deve ser deixado para trás

Lisboa, 3 de junho de 2022

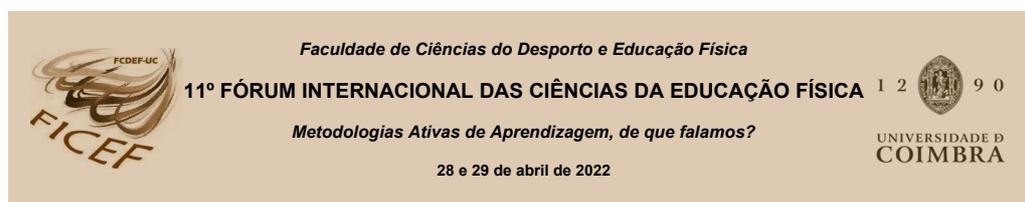
José Manuel Constantino
Presidente do Comité Olímpico de Portugal



www.eduolimpica.comiteolimpicoportugal.pt



Apêndice 2 – Certificado de Participação



DIPLOMA

Diogo Alexandre Nunes Martins apresentou o trabalho *Qual é a diferença na motivação entre alunos federados e não federados de uma turma de 9ºAno?* no 11º Fórum Internacional das Ciências da Educação Física, organizado pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Portugal.

Coimbra, 28 e 29 de abril de 2022

A coordenadora do MEEFEBS

Assinado por: **ELSA MARIA FERRO RIBEIRO DA SILVA**
Num. de Identificação: 05333351
Data: 2022.06.08 12:19:21+01'00'

(Prof.^a Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

Organização: Elsa Silva - Catarina Amorim - Duarte Messias - Josué Vieira - Mariana Sousa